ELES CAMINHARAM ENTRE NÓS

LOUIE HARRIS

Tradução
Amadeu António

ELES CAMINHARAM ENTRE NÓS

Louie Harris

INTRODUÇÃO

Na jornada da vida, há alturas em que uma grande experiência surge como uma luz brilhante para iluminar o caminho, algo para trazer nova esperança, consolo e esclarecimento às nossas vidas.

Essa foi a experiência de Pedro, Tiago e João quando, um dia, Jesus os levou às encostas do Monte Hermon para orar.

Subitamente, a Bíblia diz-nos, houve uma luz brilhante. Desta materializaram-se duas figuras, Moisés e Elias, que tinham partido muitos centenas de anos antes.

A princípio, os discípulos ficaram com medo. Quando ouviram as vozes bondosas e amorosas desses dois grandes profetas a informá-los gentilmente que tinham vindo dos reinos espirituais com uma mensagem para Jesus, o seu medo transformou-se em maravilha e alegria.

A comunicação para Jesus era para o informar de que em breve ele se juntaria a eles no mundo espiritual. A mensagem para os discípulos era que ali estava a prova completa do ensino fundamental de Jesus de que o que chamamos de morte é simplesmente a mudança para um novo ambiente.

Muitos anos mais tarde, Pedro escreveu a sua Epístola. Ele recorda esta grande experiência como o ponto alto da sua vida e a prova definitiva de que estar na terra é apenas uma curta jornada que conduz à existência eterna. Preparou Pedro e os outros discípulos para o regresso do seu amado mestre em forma materializada após a sua passagem no Calvário.

Muitos poderão dizer que estes eventos aconteceram há 2000 anos. Podem acontecer hoje? A resposta breve é "Sim". A história prova que, nos séculos que se seguiram, sempre houve fiéis servos de Deus abençoados com o dom inestimável da mediunidade.

Um desses servos de Deus foi Alec Harris. Com a ajuda amorosa e fiel da sua encantadora e talentosa esposa, Louie, ele trouxe esperança, consolo e esclarecimento a inúmeras pessoas que choravam um ente querido.

Há mais de 30 anos, conheci Alec e Louie em Cardiff, quando eles me convidaram amavelmente para um círculo na sua casa. Essa noite maravilhosa foi, para mim, o ponto alto da minha vida.

Quando entrei na sala onde ia realizar-se a sessão de materialização, senti que estava em terreno sagrado.

Um a um, amigos há muito perdidos, agora no que por eles é belamente descrito como a Terra do Verão, materializaram-se completamente. Eles avançaram para falar com os seus entes queridos. Uma dessas reuniões comoveu-nos profundamente. Um pai e uma mãe que tinham "perdido" o seu único filho na segunda guerra mundial e que estavam num profundo desgosto, viram subitamente o seu amado rapaz avançar para os cumprimentar. Sim, houve lágrimas – mas lágrimas de alegria!

É uma grande alegria para mim que o registo do trabalho maravilhoso para a humanidade, gratuitamente dado pelo meu querido amigo Alec Harris, esteja agora publicado. É não só um tributo às suas excelentes qualidades como médium, mas também a uma alma recta e bondosa que deu a essência da sua vida como servo do Espírito Santo para consolar todos os que choram.
Rev. George May DD, PhD

Capítulo Um
O MEU PAI MORIBUNDO FAZ UM PACTO

Certa manhã cedo, em 1909, acordei com um estranho sentimento de excitação – era quase euforia – ao recordar a minha visita, com o meu pai, na noite anterior, ao Palace Theatre em Porth, no Sul do País de Gales. Estranhamente, não foi tanto o espectáculo no palco que me encantou, mas a orquestra que acompanhava, que encheu o meu coração infantil de tanto deleite. A emoção disso ainda perdurava quando acordei na manhã seguinte. Conseguia visualizar Tommy Morris, o maestro, a liderar com perícia os seus músicos enquanto se balançava, acariciando o seu violino com o queixo, enquanto os seus dedos sensíveis extraíam do seu precioso instrumento uma melodia linda atrás de outra. Algo se agitou no meu íntimo. Eu sabia que, quando crescesse, queria ser violinista. Eu também faria as cordas cantar música doce; eu também poderia liderar uma orquestra semelhante. A decisão foi surpreendente. Eu tinha apenas nove

anos e nunca tinha tocado qualquer instrumento. No entanto, sabia que era isso que um dia viria a ser.

Naquela época, não poderia saber o que o destino tinha reservado para mim, como o Fado já tinha decretado que o meu caminho haveria de cruzar-se com o de Alexander Frederick Harris, de Cardiff, no Sul do País de Gales. Embora então totalmente inconsciente dos seus extraordinários poderes psíquicos, ele estava destinado, ao que parecia, a tornar-se um dos mais notáveis médiuns de materialização do nosso tempo.

Esta é a nossa história, a do nosso encontro, casamento e eventual envolvimento mútuo no desenvolvimento dos seus dons espirituais bastante fenomenais. A dedicação de Alec e o seu serviço altruísta aos doentes e aos enlutados são bem conhecidos. Inúmeros Espíritas, e não Espíritas, afluíam à nossa casa para testemunhar e maravilhar-se, porque quando Alec se sentava no gabinete de sessões, os dois mundos, aparentemente tão distantes e inacessíveis um ao outro, podiam e encontravam-se. As manifestações do mundo espiritual eram tão sólidas e reais como as físicas.

Naquela manhã, após a minha visita ao teatro, eu só pensava em música, de facto, só no violino. Por fim, quando tinha quinze anos e meio, tornei-me um violinista qualificado. O meu sonço tornou-se realidade.

Estávamos então em 1916. A Grã-Bretanha estava no meio da guerra. Inesperadamente, a saúde do Pai deu à família motivos de grande preocupação. Ele contraiu uma doença incurável e ficou gravemente doente. Muito em breve, teve de deixar o seu emprego. O Pai acabou por sucumbir à doença maligna e faleceu. Foi um golpe amargo para todos nós. Ele tinha sempre feito do lar um lugar tão feliz, enchendo-o com músicos e cantores. Mas foi a sua passagem, e uma mensagem que me enviou através da Mãe, que me fez reflectir sobre a vida após a morte. O cumprimento subsequente de uma profecia provou para além de qualquer dúvida que ele continuava vivo. Foi o primeiro elo de uma cadeia de eventos psíquicos que indicou que este mundo e o Além se interpenetram. Cada um é tão real como o outro.

Nenhum de nós na família tinha tido quaisquer experiências psíquicas, exceto o Pai, que falava frequentemente de ouvir vozes. Não sendo entendidos em tais assuntos, estávamos inclinados a tratar essas vozes desencarnadas com uma certa dose de jocosidade, talvez como um fruto da

imaginação. Mas a consciência do Pai sobre o Além era maior do que nós imaginávamos.

Na manhã em que faleceu, quando jazia no seu leito de morte, fraco e incapaz de se mover, sussurrou para a minha mãe.

"Tenho de vos deixar agora," disse ele. "Lamento não poder ver o meu rapaz, Ted, antes de partir, e a minha pequena Lou." A sua voz era tão baixa que a Mãe teve de se inclinar perto da sua boca para o ouvir. Ted ainda estava a servir em França. Depois veio a mensagem para mim, quase inaudível.

"Diz... diz à pequena Lou que... que serei o primeiro a saudá-la do Outro Lado." A Mãe anuiu, demasiado emocionada para falar.

O Pai esteve em silêncio durante algum tempo. Os seus olhos estavam fechados. Depois, de forma totalmente inesperada, sentou-se sem ajuda, com os olhos abertos, o rosto radiante. Estendeu os braços e exclamou com alegria: "George! Austin!" Estes eram os nomes dos seus irmãos "falecidos". Um belo sorriso transformou o seu rosto magro. Com um profundo suspiro de satisfação, recostou-se nas suas almofadas e passou pacificamente para o mundo espiritual. O Pai cumpriu a sua palavra e deu-me a conhecer a sua presença numa sessão alguns anos mais tarde. Mesmo antes disso, ouvia frequentemente a sua voz a chamar o meu nome.

Após a morte do Pai, a Mãe deixou a sua casa no Vale de Rhondda e veio viver comigo em Waterloo, um subúrbio de Liverpool. A minha experiência com orquestras começou a crescer à medida que me candidatava e conseguia vários compromissos como violinista. Mas, em 1919, a Mãe começou a ansiar pelo Vale de Rhondda com todas as suas antigas associações, e disse que queria regressar. Decidi deixar o meu emprego e ir com ela.

Uma vez de volta à nossa terra natal, procurei e obtive o emprego de primeiro violino no Hipódromo, em Tonypandy. Mais uma vez estávamos financeiramente seguros. O compromisso no Hipódromo teria consequências de longo alcance para mim, e poderia ser considerado o ponto de viragem na minha vida. Foi lá que me tornei amiga da pianista Peggy Gunter, que mais tarde viria a ser a Sra. Phillips e, como tal, a tia de Alec Harris, o homem que eu estava destinada a casar.

Peggy e eu éramos muito amigas. Infelizmente, tivemos de sair do Empire, onde trabalhámos mais tarde, quando surgiu um conflito. O sindicato chamou-nos à greve; Peggy e eu ficámos sem emprego. Depois de esperarmos com frustração durante algum tempo, Peggy de repente fez uma sugestão.

"Que tal ir a uma audição para aquele trabalho de verão que há em Ilfracombe? Se não o conseguirmos, seria bom ir até lá só pelo dia." A ideia agradou-me.

Assim, no sábado seguinte, duas jovens entusiasmadas apanharam o barco matutino de Cardiff com destino a Devon. Assistimos à audição, que foi bem-sucedida, mas recusámos o emprego devido à fraca remuneração oferecida. Sentindo que nada estava perdido, pois tínhamos tido um dia adorável, embarcámos no barco para regressar a Cardiff. E é aqui que o Fado tomou parte na moldagem do meu futuro.

Uma nuvem espessa e negra desceu sobre o nosso barco. Isto piorou até se tornar um nevoeiro generalizado, tornando a visibilidade praticamente nula. Como resultado, a nossa chegada a Cardiff atrasou-se três horas. Para nosso desespero, perdemos a ligação do nosso comboio e não conseguimos chegar a casa. Sugeri à Peggy que passássemos a noite com uma amiga minha, Lily Bristow. Eu sabia que ela nos ajudaria de boa vontade a sair do nosso dilema. Assim, dentro de uma hora, duas raparigas cansadas e desanimadas batiam à sua porta a descrever a sua história de infortúnio. Lily foi compreensiva e ofereceu-nos alegremente abrigo para a noite.

O dia seguinte era domingo. É um dia que hei de considerar sempre como o meu dia especial, pois foi quando vi Alec Harris pela primeira vez.

A Peggy acordou-me cedo. Fiquei surpresa, pois eram apenas 6:30 da manhã, ao ver que ela já estava vestida.

"Lou, acabei de pensar," disse ela, "não posso ir para casa sem ver primeiro a irmã do meu marido e o cunhado e os filhos deles."

"Oh," disse eu, ainda meio a dormir, "onde é que eles moram?"

"Eles moram na Rua Malefant. Já me ouviste falar de Fred e Edith Harris, certamente? Ela é a irmã do meu marido. Gostarias de vir comigo? Gostava que os conhecesses."

"Mas a Rua Malefant é muito longe daqui," disse eu. "Lembra-te que é domingo. Não há transportes."

"Não importa!" disse Peggy. "Podemos ir a pé." Ela insistiu.

"Quando queres ir?" perguntei. "Já," disse Peggy.

"Agora?" eu exclaméi. "Mas são apenas 6:30. Não podes visitar pessoas a esta hora da manhã!"

"Os Harris não são apenas pessoas, são família," exclamou Peggy. "Além disso, se temos de andar, e tu ainda tens de te vestir, não chegaremos lá muito antes das oito."

Vesti-me apressadamente e partimos em direção à Rua Malefant. Depois do que pareceu uma eternidade, com a minha caixa de violino a parecer mais incómoda a cada passo, chegámos.

Ficámos em frente a uma longa fileira de casas. Nada parecia distinguir o n.º 123 das outras. Passámos pelo portão, subimos o caminho e batemos à porta. Não houve resposta.

«Como eu pensava», disse Peggy. «Ainda estão a dormir.»

Ela tentou abrir a porta e encontrou-a trancada. Peggy bateu. Eu recuei nervosamente enquanto esperávamos.

Pouco depois, ouviram-se passos. A porta foi aberta por uma rapariga bonita, de não mais de 16 anos. Ainda estava em roupa de dormir. O cabelo castanho-claro ondulava suavemente em torno de um rosto que não conseguia esconder a surpresa por ser confrontada com visitas tão cedo numa manhã de domingo. Os olhos iluminaram-se de prazer ao reconhecer Peggy.

«És tu, tia Peggy!», sorriu. «Receio que ainda estejamos todos na cama. Entrem e eu vou chamar toda a gente.» Peggy beijou-a e depois virou-se para mim. «Esta é Connie Harris, uma das sete crianças de que te falei», disse. Connie desculpou-se e começou a subir as escadas. Peggy fechou a porta atrás de mim. Segui-a até à sala de estar dos Harris. De repente, ocorreu-lhe uma ideia. Disse, com os olhos semicerrados e a brilhar de malícia: «Vamos acordá-los a todos, dar-lhes uma surpresa.»

«Como?», sussurrei, temendo que nos ouvissem.

«Eu mostro-te», disse Peggy. Dirigiu-se ao canto da sala, abriu o piano, sentou-se e começou a tocar uma marcha animada, batendo nas teclas com toda a força. Apanhando o estado de espírito de Peggy, agarrei no meu violino e acrescentei alegremente os meus talentos à cacofonia.

Teve o efeito desejado. Em breve, ouviu-se um estrondo no andar de cima, enquanto as pessoas caíam da cama. As vozes erguiam-se, chamando umas às outras: «Que se passa? Quem está lá em baixo? Quem está a fazer esse barulho a esta hora da manhã?»

Depois veio a voz ressonante de barítono do pai de Alec, Fred. «Toda a gente enlouqueceu nesta casa?», perguntou. «São só oito horas! E é domingo!»

Em minutos, os Harris desciam em catadupa para a sala de estar. O último a entrar, ainda a enfiar um par de calças por cima do pijama às riscas, era um jovem robusto e bem constituído de 24 anos, com cerca de 1,73 m de altura. Parou abruptamente ao ver-me.

Parei de tocar a meio de uma frase, arco na mão, violino ainda debaixo do queixo, boca aberta como um peixe-dourado. Não conseguia mexer-me. Sentia que uma mão me agarrara o coração e que os dedos o apertavam tanto que eu não conseguia respirar. Durante o que pareceu um momento muito longo, ficámos parados a olhar um para o outro. Peggy quebrou o encanto quando pediu a Fred e à mãe de Alec, Edith, que perdoassem a nossa partida.

Peggy apresentou-me a cada membro da família, dizendo finalmente: «Este jovem encantador que parece petrificado à porta é Alexander Harris. Todos lhe chamamos Alec.»

Sorrimos um para o outro de forma atrapalhada, ele subitamente consciente do seu estado de desnudamento, percebendo que já era tarde demais para fazer algo a respeito! Eu estava consciente, pela segunda vez na minha vida, de um rebuliço profundo dentro de mim. Era um sentimento que não conseguia compreender, mas de alguma forma sabia que estava relacionado com o meu encontro com Alec. Este encontro viria mais tarde a unir as nossas vidas numa parceria vitalícia de amor e serviço a pessoas de dois mundos.

Capítulo Dois CASAMO-NOS

O caminho de ALEC HARRIS e o meu não se cruzaram novamente durante dois anos. Em 1923, a mãe e eu mudámo-nos do Vale de Rhondda para Cardiff. Alec explicou mais tarde que, embora não nos tivéssemos encontrado, ele ficava frequentemente no canto oposto da rua, em frente ao teatro onde eu trabalhava, e via-me ser acompanhada a casa pelo mesmo homem todas as noites. Naturalmente, assumiu que estávamos num relacionamento sério e não fez qualquer aproximação. O acompanhante em questão era um colega músico que, por ir na mesma direção, se oferecia para me levar a casa em segurança todas as noites àquela hora tardia. Era um ato de cortesia, nada mais, e lamento que isso me tenha mantido afastada de Alec. Finalmente, encontrámo-nos novamente numa noite fria de dezembro, quando ambos levávamos as nossas respetivas mães para casa após um espetáculo. Os quatro estávamos no mesmo elétrico, mas sem nos darmos conta uns dos outros.

A mãe deu-me um toque e sussurrou-me ao ouvido: «Olha para aquele rapaz sentado ali. Parece-se com o Theophilus, o marido da Peggy.»

Peggy tinha casado com Theophilus Phillips, o irmão da mãe de Alec. Não era de admirar a semelhança familiar. «É o rapaz dos Harris de que te falei», sussurrei, excitada por vê-lo novamente.

Quando o elétrico parou, vi que Alec e a mãe dele também tinham saído. O meu coração deu um pequeno salto ao perceber que ele vinha falar connosco.

«Boa noite, menina Bradley», veio a voz suave e rica de barítono. «É bom vê-la novamente.» O sotaque galês tornava a sua fala música.

«Oh, olá», disse eu, timidamente. «Boa noite, senhora Harris.»

«Não a vemos há anos», respondeu ela.

«Dois», disse eu, e mordi rapidamente o lábio. Parecia que os tinha contado, o que, claro, tinha feito.

«Esta é a minha mãe», disse eu rapidamente, para disfarçar.

As nossas mães foram à frente, conversando amigavelmente, enquanto Alec e eu caminhávamos atrás, fazendo conversa fiada timidamente. Estávamos atrapalhados, muito conscientes um do outro.

Quando nos separámos, a senhora Harris comentou: «Vamos dar uma festa no dia de Natal. Porque não vêm você e a sua filha? Gostaríamos muito de as ter connosco.»

«É uma boa ideia», disse Alec. «Divertimo-nos sempre muito. Vão conhecer muitas pessoas simpáticas.»

Antes que a mãe pudesse responder, interrompi, dizendo: «Receio que não possa. Muito obrigada, é muito amável da vossa parte convidarem-nos.» Olhei rapidamente para Alec para ver a sua reação. Fiquei satisfeita por ele parecer desanimado.

«Vou a uma festa de teatro no dia de Natal», expliquei.

«Bem, então», respondeu a senhora Harris sem se deixar abater, «que tal a véspera de Natal?» Alec olhou ansiosamente para mim. «Sim, estou livre na véspera de Natal», disse eu.

«Muito bem. Teremos a nossa festa na véspera de Natal.»

A mãe e eu agradecemos profusamente, desejámos boa noite e seguimos o nosso caminho.

«Que pessoas simpáticas!», disse a mãe. Não respondi. Já estava a contar os dias até à véspera de Natal!

Aquela primeira festa em casa dos Harris é uma que nunca esquecerei. A música, o canto, os jogos, a dança... houve tanta risada e diversão. Acima de tudo, recordo que foi durante aquela noite que algo profundo, quente e duradouro nasceu entre Alec e mim. Ele tinha-se soltado o suficiente para falar um pouco de si mesmo.

Contou-me que nasceu em Treherbert, no Vale de Rhondda, em 1897. Mentalmente, anotei que era três anos mais velho do que eu. «Perfeito», pensei. Alec falou de como, aos três anos, a família se mudou para Cardiff. Deixou a escola aos 14 para arranjar emprego. A título de explicação, disse: «Queria ajudar a contribuir para o sustento da família. Durante algum tempo, trabalhei no escritório de uma empresa de tintas nos cais.» Alec sorriu em reminiscência. «Fazia-me sentir muito importante, ser um homem a trabalhar. Depois, ofereceram-me o emprego de operador de projeção no Cinema Gaiety.»

«Deve ter sido divertido», entusiasmei-me.

«Sim, podia ver todos os filmes de graça», riu-se. «Gostava do trabalho lá. Sendo bom com as mãos, conseguia manter tudo em ordem.»

Assenti, mas mantive-me em silêncio para não interromper a sua história.

«Depois, quando já tinha muito mais experiência, consegui o que se pode chamar uma promoção.» Alec enfatizou a palavra e sorriu.

«Consegui outro emprego como operador de projeção e mais tarde tornei-me gerente de um pequeno cinema. Bom para o meu ego, era.»

Ri-me com ele. «E a guerra?», perguntei. «Foste chamado?»

«Sim», disse. «Entrei para os Royal Engineers e, num piscar de olhos, estava em França. Fiz 18 anos lá. Quatro longos anos lá estive, anos terríveis.»

«Conta-me sobre eles», disse eu.

Alec abanou a cabeça. «É melhor esquecer», acrescentou. «Fui um dos sortudos.» Os olhos toldaram-se-lhe. «Estive naquelas terríveis batalhas do Somme e de Passchendaele. Muitos dos rapazes, os meus amigos e camaradas, não conseguiram, eu consegui.»

Suspirou e encolheu os ombros. «Tive algumas escapadelas por um triz, mas aqui estou para contar a história. Só sorte, mais nada.» Alec sorriu de repente e mudou de assunto. «Não quero maçar-te mais», disse. «Isto é uma festa. Estás com um ar triste.»

«Oh, não estou aborrecida», disse eu rapidamente, e acrescentei timidamente: «Alec... fico... fico contente por teres conseguido.» Os nossos olhos cruzaram-se por um momento. Sem falar, ele pegou-me no braço e levou-me de volta para a dança lá dentro.

Encontrámo-nos frequentemente depois disso. Numa tarde de domingo, Alec levou-me ao Roath Park, em Cardiff, onde havia um bonito lago. Podia-se alugar barcos a remos e passar uma tarde preguiçosa na água. Decidimos fazer isso.

Após remar um bocado, Alec aproximou-se da margem e descansou nos remos. Olhou para mim, seriamente. Tive novamente aquela sensação de falta de ar, mas esforcei-me ao máximo para parecer calma e serena. Uma voz dentro de mim disse: «É agora!» Lentamente, ele inclinou-se para a frente.

«Amo-te, Lou», disse Alec simplesmente. «Há muito tempo que sei, quero casar contigo.» Fez uma pausa, avaliando a minha reação. «Bem, o que dizes? Queres?»

O pânico apoderou-se de mim. «Não posso», disse, «prometi ao meu pai que cuidaria da mãe. Não posso casar com ninguém, não durante anos.»

Ele pareceu perplexo e muito desapontado. «Mas porquê?»

«Porque... bem, é a minha música. É a minha carreira! Não posso desistir dela para casar.»

«Mas não tens de o fazer, Louie! Podes casar e continuar com a tua música. Não tens de parar.»

Sentia-me encurralada. Tinha de sair dali antes de fraquejar.

«Bem... vês, é... er...» comecei desajeitadamente. O rosto de Alec toldou-se. «Oh», disse, desanimado. «Entendo. Não me amas?»

«Oh, amo sim, Alec, amo. Eu...» Mordi o lábio. As palavras tinham escapado antes que as pudesse parar. Vi os ombros de Alec relaxarem.

«Qual é a tua resposta, então?», perguntou suavemente. «É 'sim'?»

«Não.» Tive de lutar muito para não fraquejar. «Não posso...»

Ele riu-se, e os seus olhos azuis brilharam de malícia. «Oh, ainda é 'não', é? Bem, então...» e mudou subitamente de peso, inclinando o barco violentamente. «Vais para o lago, minha menina!» Deu-me um empurrão brincalhão.

Gritei, debatendo-me, e caí contra ele. Os braços fortes de Alec envolveram-me. Depois, lentamente, baixou a cabeça e beijou-me suavemente. «Diz sim, Lou», sussurrou. «Por favor.»

Fiquei em silêncio, pensando intensamente. A minha carreira musical significava muito para mim. Tivera trabalhado arduamente para a alcançar. «Dá-me um ano para pensar nisso, Alec», supliquei.

«Um ano?» Deu-me um sorriso torcido. «É muito tempo quando se está apaixonado», disse melancolicamente.

«Se estás apaixonado, não te importas de esperar», provoquei, «pois não?»

Ele apertou-me a mão. «Não, esperarei até estares bem pronta, não importa quanto tempo leve.» Parecia muito sério. «É o quanto te amo, Lou.»

Alec suspirou em resignação, pegou nos remos e disse: «Está a ficar tarde. É melhor irmos para casa.» E, em silêncio, começou a remar.

Passaram quatro anos após aquela tarde no lago antes de finalmente decidirmos marcar a data do nosso casamento. Seria uma cerimónia familiar discreta. Por isso, quando saímos como marido e mulher, num belo dia de junho de 1928, ficámos muito surpreendidos ao ver Lionel Faulkman, o conhecido maestro e personalidade de rádio, e 16 membros da sua orquestra, agrupados à porta da igreja, formando um arco com os seus instrumentos. Eu era a décima sétima membro daquela orquestra, a única mulher! Tinha agora 28 anos, Alec tinha 31. Uma maravilhosa nova vida de amor, trabalho e serviço conjunto aguardava-nos.

Em breve conseguimos comprar uma casa em Manor Way, Whitchurch, e instalámo-nos na felicidade conjugal.

A 1 de novembro de 1932, a nossa casa foi abençoada por um acontecimento feliz. Nasceu-nos um filho. Inspirados pelo meu apelido de solteira, chamámos-lhe Bradley. Sentimos que a nossa taça de felicidade transbordava.

Passámos 25 anos excitantes, cheios de acontecimentos e felizes em Manor Way. Muitas coisas maravilhosas foram-nos mostradas e explicadas por amigos espirituais.

Capítulo Três A NOSSA BUSCA COMEÇA

EM 1934 aconteceu uma coisa terrível. A minha irmã, May, contou-nos que o nosso irmão, Ted, não só se tornara espiritualista, como também era médium. Ficámos todos muito chocados. Houve exclamações de consternação por todo o lado.

«Isso é disparate, May!», exclamou a mãe, com ar preocupado. «O Ted não sabe nada de Espiritualismo!»

«Sabe», disse May, com a voz baixa como se temesse que alguém ouvisse. «Está a pregar na igreja espiritualista e a descrever pessoas ‘mortas’.»

«Não sejas parva!», ri-me. «O Ted? A pregar? Ele não conhece a Bíblia suficientemente bem.»

«Mas não é o Ted que está a pregar», acrescentou May. «Alguém fala através dele, alguém», a voz dela desceu a um sussurro chocado, «que está morto!»

«Morto?» Todos exclamámos e ficámos em silêncio enquanto contemplávamos o terrível destino que se abatera sobre Ted.

Fui a primeira a recuperar. «Só há uma coisa a fazer», disse. «Vou lá abaixo, ver o Ted e pôr fim a todo este disparate.»

Em breve, confrontava Ted na sua pequena casa no Vale de Rhondda. Erguendo o meu corpo pequeno à sua altura máxima, abanei um dedo admonitório para ele.

«Olha lá, Ted», repreendi, «que história é essa de seres médium espiritualista? Somos todos bons batistas. Que vergonha!»

O meu irmão sorriu tolerante para a pequena figura feroz à sua frente.

«Graças a Deus», suspirei, «ainda pareces normal. Mas porquê, Ted, porquê?» perguntei. «Sempre foste uma pessoa sensata.»

«Ainda sou», riu-se. «E tu também.»

«Eu? Que tem isso a ver?» retruquei.

«Só que tu também entrarás no Movimento muito em breve.» «Eu?» Fiquei atónita. «Não! O Alec nunca concordaria.»

«Ele também entrará, mas ainda não sabe!» Ted estava positivamente radiante. «Queres que te diga mais uma coisa? Vocês os dois farão um trabalho muito maior juntos do que eu alguma vez poderia esperar fazer. É algo especial.»

«Disparate!», retorqui. «Isso é ridículo, Ted! Como podes dizer uma coisa dessas?»

«Não sou eu. Não estou a dizê-lo. É o Michael.»

«Michael?» perguntei, olhando à volta, sem ver ninguém. «Quem é o Michael?»

«É um guia espiritual», disse Ted. «Nunca se enganou até agora.»

Senti-me confusa, desconfiada das palavras de Ted. No entanto, experimentei um vago rebuliço de interesse. Isso levou-me a fazer-lhe

muitas perguntas sobre o Espiritualismo, muitas vezes discutindo veementemente. Ted respondia tolerante, pacientemente. Perguntei-lhe como se interessara pelo assunto. Ele riu-se, como se de uma piada privada. Insisti para que respondesse.

Ainda sorrindo com a recordação, Ted contou como reparou que a esposa, Annie, e uma amiga saíam sempre à segunda-feira à noite. Nunca diziam para onde iam e pareciam bastante reservadas quanto a esta saída regular. Decidiu que, na próxima excursão de segunda-feira, as seguiria.

Mantendo-se bem fora de vista, Ted viu-as entrar numa casa que lhe era desconhecida. A porta estava aberta. Várias outras pessoas entraram sem bater ou serem convidadas. Ted seguiu-as e encontrou-se numa sala grande. Tinha uma fila de cadeiras e uma plataforma numa das extremidades.

«É uma reunião», pensou Ted. Sentou-se no fundo da sala, bem escondido da visão da esposa e da amiga dela, que estavam sentadas na frente.

Um homem subiu à plataforma. Começou a dirigir-se a vários dos presentes, dando-lhes mensagens de amigos ou entes queridos falecidos. A compreensão surgiu em Ted. Isto tinha algo a ver com o que se chamava Espiritualismo, um assunto de que se falava geralmente em tons baixos.

Não querendo ter qualquer parte nisso, Ted deslizou o mais possível na cadeira para se tornar menos visível. Infelizmente, o movimento atraiu a atenção do homem na plataforma, que prontamente, para desgosto de Ted, desceu e caminhou diretamente para ele. Todos os olhares se voltaram na sua direção.

«O senhor!», começou o homem, apontando um dedo para Ted, que se remexeu inquieto. «Há aqui um jovem francês, um soldado, chamado Pierre. Diz que serviram juntos na guerra, a trabalhar com cavalos, camiões, transporte. Conhece este homem?»

Ted detestava a atenção que estava a atrair, temendo que Annie descobrisse a sua presença. Manteve a voz baixa.

«Conheci muitas pessoas chamadas Pierre em França. Como hei de saber qual é este?» Ted estava a ser difícil, tentando fazer o médium tropeçar, que, no entanto, continuou imperturbável.

«Este Pierre está agora a mostrar-me uma cena», disse. «Vocês os dois estão de pé debaixo de umas árvores ao lado dos vossos camiões. É um

campo de batalha, há uma ponte. Pierre está a dizer: 'Fica aqui, eu vou primeiro.' Ele deixa-o para atravessar a ponte. Ao fazê-lo, há uma grande explosão. A ponte é destruída. Pierre é morto.»

Ted ficou atónito. Lembrava-se muito bem do incidente e recordava o amigo. Ficou ainda mais espantado quando o médium comentou que Ted também poderia contactar os «mortos» e trazer mensagens de esperança aos vivos. «Sugiro que se junte a um círculo e desenvolva este dom», instou o médium.

Esta conversa foi ouvida por Annie. Escusado será dizer que ela ficou encantada.

«A Annie convenceu-me a formar o nosso próprio círculo», sorriu Ted. «Após apenas três sessões, fui controlado pelo meu guia espiritual, Michael. Foi assim que aconteceu. Não havia nada que eu pudesse fazer. Mas agora estou contente, Lou, muito contente. Mudou a minha vida.» Perguntei-lhe se tinha visto o pai. Respondeu: «Não. Não o vi, mas foi-me descrito.» Ted fez uma pausa, como se estivesse a ouvir; e continuou: «O Michael está a dizer que verás o pai antes de mim. Pensamento lindo, não é?» Um tanto envergonhada, despedi-me, suplicando-lhe que não mencionasse o assunto a Alec e à mãe quando viesse ver-nos. «O Alec certamente objetará», disse. «Só causará problemas.»

Ted não se ofendeu com a minha rudeza. Apenas pôs um braço à volta dos meus ombros e sorriu. «Não te preocupes», prometeu. «Segurarei a língua. Mas marca as minhas palavras; o Michael nunca se engana!»

Não discuti esta conversa com ninguém, muito menos com Alec. Por isso, ele estava completamente desprevenido para o que aconteceu dois meses depois. Alec tinha de fazer uma visita de negócios a um senhor Hewitt, cuja casa ficava do outro lado da rua da nossa. Ao descobrir que ele ainda não tinha regressado do trabalho, Alec entabulou conversa com a esposa, Mary. Um comentário casual que ela fez, sem relação com o que discutiam, levou Alec a bater em retirada apressada.

Segundo Alec, Mary parecia olhar através dele, em vez de para ele, ao comentar: «Tem muitas luzes à sua volta, senhor Harris. Sabe que é um médium muito poderoso?»

Alec gaguejou. «Que tipo de médium quer dizer?» Mary respondeu: «Ora, um médium espiritualista, claro.»

Isto levou Alec a despedir-se com uma brusquidão indevida, para grande diversão da senhora Hewitt. Ao irromper pela nossa porta, contou-me a história ofegante, terminando com a observação: «Imaginem uma mulher simpática e sensata como a senhora Hewitt ser espiritualista!»

No entanto, foi este encontro casual com Mary Hewitt, ela própria uma médium, que pôs os nossos pés no caminho do Espiritualismo. Ficaram firmemente plantados, nunca desviando pelo resto das nossas vidas.

Duas semanas após este encontro, o casal convidou-nos a passar alguns dias com eles na sua caravana. Escusado será dizer que a conversa foi maioritariamente sobre Espiritualismo. Fiquei fascinada com as muitas experiências psíquicas de Mary Hewitt.

Vendo o meu interesse, ela convidou-me a ir com ela no domingo seguinte a uma igreja espiritualista. Para minha surpresa, aceitei. Alec não queria ter nada a ver com isso.

Assim que cheguei à pequena igreja, uma sensação de paz e contentamento desceu sobre mim. A senhora Hewitt sussurrou-me: «Pertences aqui.» De alguma forma, sentia que sim.

O serviço simples apelou-me. Fiquei muito impressionada com o discurso improvisado dado por um dos membros da congregação. Parecia responder à maioria das perguntas persistentes que me atormentavam.

Um aspeto da comunicação espiritual que me intrigava era o movimento de mesas. Na nossa próxima reunião, perguntei a Mary se tinha experimentado este fenómeno. Tinha e sugeriu que, se eu estivesse interessada, devíamos experimentá-lo naquela tarde. Fiquei encantada e um pouco nervosa, perguntando-me o que diria Alec se descobrisse.

Mary disse que a mesa se movia com mais facilidade se fosse leve. Como as dela eram do tipo pesado, perguntou se eu poderia trazer uma da minha casa.

Após o almoço, descia suavemente as escadas, com a minha mesinha debaixo do braço, quando, para meu desgosto, a porta se abriu de repente e Alec entrou no hall. Parou abruptamente, perplexo com as minhas

manobras. Os olhos pousaram no móvel que eu tinha debaixo do braço. «Para onde vais com isso?», perguntou suspeitoso.

Dominada pela confusão, soltei: «Para a Mary Hewitt. Vamos tentar uma sessão de movimento de mesa.»

A boca de Alec abriu-se. Quando se fechou, parecia zangado. Pensei que explodiria. «Isso NÃO vais!», disse. Depois chamou: «Mãe! A tua filha vai a uma sessão. Vem dizer-lhe que não deve ir. Não quero que ela se meta nesse tipo de disparates.»

A mãe veio a correr para o hall e viu-nos. O rosto de Alec estava escuro de raiva. Eu estava nas escadas, com ar muito determinado, segurando a mesinha.

«Olha, Alec», disse a mãe razoavelmente, «ela é esposa e mãe. Deve saber o que está a fazer.» Alec virou-se nos calcanhares e saiu de casa.

Senti-me perturbada por ir contra os desejos de Alec, mas experimentei uma grande vontade de continuar a sessão. Saí de casa, ainda agarrada à minha mesinha, e fui para casa dos Hewitt. O senhor Hewitt abriu a porta. Sorriu divertido ao ver a mesa, mas não fez comentários. Era um homem tolerante e, embora não estivesse interessado no Espiritualismo, não interferia com a participação da esposa. Fui levada para o quarto de Mary, onde a sessão se realizaria.

«Sentar-nos-emos apenas durante uma hora», disse Mary. «Se nada acontecer, tentaremos outra vez.» Esperámos. Nada aconteceu. Experimentei uma sensação de aguda desilusão. Eventualmente, Mary decidiu encerrar a sessão.

Nesse momento, bateram à porta do quarto. O senhor Hewitt entrou, introduzindo um homem estranho que, ao que parecia, acabara de chegar à casa para o ver por assuntos de negócios. Ao ouvir o canto do andar de cima, perguntou sobre isso e foi informado de que uma sessão estava em curso. O visitante mostrou-se muito interessado, dizendo que ele também era espiritualista. Perguntou ao senhor Hewitt se poderia permitir-lhe ajudar-nos. Com um sorriso, o marido de Mary concordou e levou-o para o andar de cima, onde a nossa sessão malsucedida estava prestes a encerrar.

Apresentando-o, o senhor Hewitt explicou: «Este senhor é espiritualista. Foi dirigido para vos ajudar. Pode juntar-se?»

«Sim», disse Mary. «Entre. Sente-se e ponha as mãos com as nossas na mesa.» Ele assim fez. Para meu espanto, em muito pouco tempo, a mesa moveu-se! Ergueu-se lentamente e levantou-se para o meu colo. Enquanto recitávamos o alfabeto, balançava, parando abruptamente quando a letra requerida era chamada. Desta forma, soletrou o nome TOM. A senhora Hewitt perguntou: «A quem deseja falar?» A mesa respondeu LOU.

«É o meu nome!», exclamei excitada. «O nome do meu pai é Tom.»

«Interessante», comentou Mary. «Faça-lhe as perguntas que quiser para confirmar a identidade.» Assim fiz. Todas foram respondidas corretamente pelo meu pai.

Parecia agora haver muita energia disponível. A mesa não tinha dificuldade em mover-se. As nossas mãos mal tocavam na superfície. O senhor estranho retirou completamente a sua e sentou-se com as mãos nos joelhos. No entanto, a mesa continuou a mover-se. Perguntei ao meu pai qual era o seu segundo nome. A resposta veio: JOHN. Fiquei desapontada, pois pensava que estava incorreto; deveria ser Richard. No entanto, consolei-me com o facto de toda a outra informação ter sido precisa. Encerrámos então, por sugestão de Mary. O estranho desceu as escadas. Disse a Mary que me sentia bastante certa de ter encontrado o meu amado pai. Ao dizê-lo, ouviram-se três batidas fortes no roupeiro, que estava a alguma distância de nós. Mary disse: «É o teu pai a dizer 'sim'.» Acrescentou: «Sinto uma forte mediunidade física a emanar de ti. Há um grande trabalho à tua frente.»

Quando contei a minha experiência à mãe, comentando que o único erro fora o segundo nome do pai, ela disse:

«Não foi erro nenhum. O outro nome do teu pai era John. Richard é o segundo nome do teu irmão.» Fiquei muito aliviada.

Alec ficou furioso quando lhe contei das batidas. «Vais acabar num asilo!», bufou. «Estás só a enganar-te com os teus próprios pensamentos! Vou lá no próximo domingo para te provar que é tudo um monte de disparates.» Fiquei cheia de apreensão. Felizmente, não cumpriu a ameaça.

Mais tarde, acusei-o de não ter a coragem das suas convicções porque não aparecera para justificar as suas palavras de condenação. Saí enfadada para a cama sem lhe contar o que se passara na nossa segunda sessão,

novamente muito bem-sucedida. A mesa esteve ativa, sem a ajuda do estranho.

Alec ficou lá em baixo, obviamente mergulhado em pensamentos. Por volta da meia-noite, subiu e acordou-me.

«Não te deixarei dormir até sentares comigo», disse. «Em breve veremos que isto tudo é um disparate ridículo.» Tinha medo de sentar sem a senhora Hewitt, com receio de que nada acontecesse. Nunca mais me livraria disso. Protestei: «Agora não, Alec, é meia-noite! Amanhã, talvez?»

«Tens medo», provocou. «Sabes que posso provar que não acontece realmente. Está tudo na mente.» Alec apontou para a minha testa.

Indignada, retruquei: «És tu que devias ter medo, ridicularizando algo assim quando é verdade.»

Encontrámos uma mesinha adequada no quarto e começámos. Felizmente, nenhuma luz entrava no quarto do exterior. Era uma zona nova com poucas casas. A iluminação pública ainda não estava completa. Apenas um brilho fraco vinha da lareira a gás. Disse a Alec que a senhora Hewitt era enfática em que nenhum círculo devia começar sem uma oração, e expliquei que nos sentaríamos apenas durante uma hora.

O tempo passou. Nada aconteceu. Não houve manifestações; nenhum movimento da mesa ocorreu. Parecia resolutamente colada ao chão. Alec tornou-se inquieto e, ao mesmo tempo, um pouco presunçoso por ter provado o seu ponto. A minha desilusão tornou-se um anseio insuportável. Orei silenciosamente: «Oh, Deus! Por favor, faz com que algo aconteça para convencer Alec.»

Imediatamente, tive a sensação de ser erguida. Todo o quarto foi iluminado por uma luz azul sobrenatural. Aumentou gradualmente em luminosidade, como se alguém tivesse aumentado o gás num candeeiro. Depois, tão gradualmente, diminuiu em brilho. Tive medo; Alec também. Disse: «Céus! O que é isso?»

«Não sei», sussurrei. Com isso, a mesa começou a balançar violentamente. «Estás a movê-la», acusou Alec. Retirei uma mão da mesa, mantendo a outra levemente por cima. Quando continuou a mover-se, Alec insistiu que a manipulava com as pernas. Fiquei indignada e afastei-me, sentando-me bem longe da mesa. Ainda assim, continuou a balançar. Perguntei

nervosamente: «És tu, pai?» A entidade aquiesceu e deu uma mensagem. Alec não ficou impressionado. Manteve que já sabia da informação oferecida, tendo-me ouvido dizer o mesmo algum tempo antes.

«Bem, pergunta tu algo», sugeri. Hesitante, Alec perguntou se havia alguém ali que quisesse falar com ele. Imediatamente, os movimentos da mesa deixaram de ser tão violentos e soletraram suavemente «CON», o nome da amada irmã de Alec. Tragicamente, ela contraíra tuberculose, falecendo a 27 de novembro de 1923. Connie regressou naquela noite, obviamente ciente de que, se algo pudesse convencer o irmão da vida após a morte, seria a sua comunicação espiritual. Mas Alec não a aceitou. A mensagem era demasiado semelhante a uma que eu mencionara frequentemente antes. Alec atribuiu a comunicação à manifestação do meu pensamento, não do dela. A questão de como a mesa se movia parecia escapar-lhe. Lembrei Alec que devia haver centenas de incidentes que tinham ocorrido entre ele e Connie sobre os quais eu nada sabia. Sugeri que, se ele lhe perguntasse sobre qualquer um desses e recebesse uma resposta satisfatória, talvez então aceitasse que a irmã estava, de facto, presente.

Tentativamente, perguntou: «Con, lembras-te, na semana antes de morreres, li-te um livro e expressaste o desejo de que eu o terminasse e te contasse como acabava?»

«Sim», veio a resposta suave. «Podes dar-me o nome desse livro?» Alec insistiu. Imediatamente, a resposta veio: «Girl of the Limberlost.»

Alec ficou abalado. «Mas isso é espantoso!», disse. «Só eu poderia saber isso.»

«Vês!», disse eu. «Tens de acreditar agora que a tua irmã está aqui.» Perguntei-lhe rapidamente algo, esperando mais prova da sua presença espiritual.

«Podes ver-nos?», perguntei. Ela respondeu que sim. «E o bebé?», acrescentei. Afirmou que sim, também.

«Onde tem ele as mãos?» Sem qualquer hesitação, soletrou: «Na cabeça». Eu estava de costas para o berço, por isso Alec pediu-me que olhasse. Levantei-me e espreitei o bebé.

De facto, enquanto dormia pacificamente, as mãos estavam na cabeça. O que poderia ser mais convincente?

Alec ficou em silêncio, incapaz de falar, tal era o seu espanto. Até aquele ponto, acreditara firmemente que toda a comunicação espiritual era uma farsa bem orquestrada. O contacto com a irmã «morta» comoveu-o profundamente. A perda dela fora um golpe amargo do qual ainda não se recuperara. Naturalmente, sentámo-nos todas as noites depois disso e recebemos mensagens verdadeiramente notáveis. Por vezes, estas eram estragadas por trivialidades sem sentido. Mais tarde, aprendemos que eram possivelmente o resultado de interferência por entidades travessas que usavam a mesa, pois era a forma mais fácil de comunicação.

Achámos o movimento de mesas uma forma extremamente lenta de comunicação, por isso decidimos melhorá-la. Cortámos as letras do alfabeto e arranjámo-las num círculo. Colocando um copo ou tumbler no centro com as mãos levemente por cima, descobrimos que se movia rapidamente de letra em letra e soletrava mensagens espirituais. Era um método muito mais satisfatório. Abandonámos a mesa.

As coisas iam bem quando, bastante de repente, todas as mensagens cessaram e apenas uma se repetia: «Juntem as mãos!»

Sendo novatos, não conseguíamos entender o seu significado. Perguntei a Mary Hewitt o que achava que queria dizer.

«Eles querem que se sentem num círculo e juntem as mãos para acumular a energia», disse Mary. «Obviamente, um de vós é um médium de transe. Acho que é o Alec.» Contei a Alec, mas não fizemos nada a esse respeito nessa fase.

Algum tempo depois, quando fui à igreja com Mary num domingo, vi que ela estava doente. Após o serviço, caminhou devagar à frente. Fiquei para pegar num livro na biblioteca da igreja.

Quando me juntei a ela, comentou: «A Marie Therese (o guia espiritual dela) esteve aqui. Diz que o Alec pode dar-me cura. Virei esta tarde, se puder, e tentaremos.» Instou-me a não mencionar a localização do mal, pois proporcionaria mais prova da mediunidade de Alec se ele a encontrasse sozinho.

Às 3 em ponto, Mary chegou. Nós três, ela, Alec e eu, fomos para a sala de estar e sentámo-nos com as mãos ligadas. Após um curto espaço de tempo, Mary disse baixinho: «Agora, Alec, dá-me um pouco de cura, por favor.»

Alec ficou embaraçado e gaguejou: «Mas não sei como, nem o que fazer.»

«Passa apenas as mãos levemente sobre o meu corpo», disse Mary. «Serás impressionado pelo espírito sobre o que fazer.»

O Alec parecia envergonhado enquanto tentava seguir o conselho da Mary. De repente, senti a presença de um espírito — e tive a minha primeira visão clarividente. Vi um rapazinho chinês a sobrepor-se ao Alec. As mãos dele moviam-se muito depressa, passando exatamente pelo ponto do corpo da Mary onde estava a dor. Depois, o Alec confessou que se sentira muito estranho durante a sessão de cura. Sentia que não conseguia controlar os braços. Era como se alguma outra força os manipulasse. A Mary atribuiu isto ao rapazinho chinês que também ela vira com o Alec. Ficámos todos muito entusiasmados, sentindo que estávamos a progredir rapidamente.

No domingo seguinte, a Mary perguntou se podia trazer a irmã, a Artie, para uma cura. Ela estivera doente com uma gripe muito má. Deixara-a com uma condição catarral e sinusal persistente. As duas chegaram a nossa casa, mas o Alec não estava interessado em tratar estranhos. Recusou-se a curar a Artie. A Mary tentou dar cura à irmã. Mal começara, o Alec foi controlado e entrou em transe. Administrou à Artie, que sentiu imediatamente um benefício acentuado. Terminada a sessão, o Alec sentou-se e começou a cantar uma cançãozinha chinesa. Soube então que a entidade controladora era o rapazinho chinês que eu vira no círculo anterior. Disse-nos que se chamava Toi-Toi e, a partir daí, ligou-se ao nosso círculo.

Ainda trabalhava como violinista no teatro e só chegava a casa às 22h30. Isso significava que só podíamos ter um círculo a sério às noites de domingo. Como estávamos ansiosos por saber mais sobre esta revelação maravilhosa, sentávamo-nos quase todas as noites em meditação para ajudar a preparar o caminho para que os amigos espirituais se manifestassem.

Durante uma das nossas sessões de meditação, olhei para cima e, para minha grande surpresa, vi um chinês idoso de pé ao lado do Alec. Parecia um ser físico, certamente não era apenas uma visão. Usava um robe chinês

lindamente bordado. Um pequeno chapéu redondo e preto estava pousado na cabeça. A pele amarelo-pálida estava esticada sobre as maçãs do rosto altas, olhos oblíquos. A forma ficou a observar-me, o olhar penetrante, inquisitivo. Parecia tão real que me assustei. A figura deve ter percebido que a sua aparição súbita me assustara, pois desapareceu tão subitamente como aparecera. Não conseguia tirar o estranho visitante da cabeça, nem ele a nós, aparentemente.

Algumas semanas depois, enquanto estava sentada calmamente ao lado do Alec, que dormia no divã, olhei para o rosto dele e notei, perplexa, que as feições estavam a mudar. Enquanto observava, ele adquiriu lentamente um aspeto mongol, com as inconfundíveis maçãs do rosto altas. Os olhos do Alec estreitaram-se, tornando-se virados para cima nos cantos exteriores. A boca foi puxada ligeiramente para baixo. «O Alec está a ser sobreposto por um chinês», ofeguei. Fiquei consternada, sem saber bem o que fazer. Então, do Alec veio uma voz. Era oriental na entoação, aguda e nasal. «Pequena Senhora!», disse. «Chang vem ajudar, não para te fazer mal.»

As palavras calmas tranquilizaram-me. Aproximei-me do divã e observei o rosto mais de perto. Imediatamente reconheci o chinês idoso que vira antes. Os lábios do Alec abriram-se lentamente. A voz entoou novamente: «Tens de arranjar um momento em que eu possa vir falar contigo. É muito importante e diz respeito ao desenvolvimento do médium. Há um grande trabalho a fazer. Chang cuidará sempre do médium. Sou o seu guia principal. Estarei sempre à mão para o ajudar.»

Com estas palavras reconfortantes, Chang retirou-se calmamente do Alec. As feições voltaram ao normal enquanto ele dormia. Senti um grande alívio ao ver que as coisas estavam agora sob o controlo de um guia digno de confiança. Muitos tinham controlado o Alec, mas, de alguma forma, não pertenciam; o Chang pertencia. Adquirimos um amigo valioso e para toda a vida no guia principal do Alec.

Sentávamo-nos quase todas as noites em meditação, enviando cura, dando aos guias a oportunidade de desenvolverem a mediunidade do Alec. O pequeno Toi-Toi era um visitante frequente, trazendo muito poder ao nosso círculo.

Uma noite, um jovem comunicou. Fora um dos primeiros a usar o copo e o alfabeto. O visitante espiritual disse que se chamava Jolkim, um jovem

russo de cerca de 25 anos. Morrera a cavalo enquanto tentava escapar do inimigo na Primeira Guerra Mundial. Cada vez que vinha, o Jolkim reencenava as circunstâncias que causaram a sua morte. Isso era traumático, para dizer o mínimo. O Alec tinha de sofrer um tratamento agitado e até rude dele. O Jolkim era geralmente difícil e parecia ressentir-se de ter sido enviado para trabalhar connosco. Muitas vezes era bastante desagradável. Queixando-se de que as nossas salas estavam sempre quentes demais, trazia ventos gelados que nos faziam tremer de desconforto. Eu estava longe de feliz com esta situação. Temia pelo Alec que, quando controlado pelo Jolkim, estava completamente à mercê dele. Ficámos muito aliviados quando este jovem russo foi afastado do nosso círculo durante seis meses. Quando regressou, foi obrigado a tratar o corpo do Alec com muito mais cuidado.

Apesar deste período difícil na associação deles, tanto o Alec como o Jolkim foram informados, primeiro através da famosa médium Helen Hughes, depois através de outros, que se tornariam «mais próximos do que irmãos e caminhariam de braços dados». Como isso se provou verdadeiro. O Jolkim acabou por se tornar um dos nossos guias de confiança. Que amigo maravilhoso esse rapaz tem sido para mim e para centenas ao longo dos anos.

Pouco depois de o Jolkim regressar ao nosso círculo, o Alec e eu estávamos sentados na sala de estar a conversar, quando o meu marido anunciou subitamente que ouvia uma língua estrangeira e sentia um impulso para a falar.

«Fala, então», disse eu. «Faz simplesmente o que te impressionam a fazer.»

O Alec emitiu um fluxo de palavras completamente incompreensíveis, que obviamente tinham o padrão e o agrupamento de um discurso inteligente. Após um momento, a entidade espiritual presente pareceu perceber que eu estava completamente perdida para entender o que ele dizia. Mudou prontamente para inglês, projetando uma voz bela, profunda, rica e ressonante.

«Chamo-me Ewonga», disse. «Venho dizer-vos que sou o guarda-costas do médium. A partir de agora, ninguém o controlará sem a minha sanção.»

Senti-me muito aliviada, percebendo que, por fim, o nosso círculo estava a ser gerido e controlado corretamente do Outro Lado. Expressei a minha

gratidão a este espírito gentil mas autoritário. Que fonte de força ele se revelou ao longo dos anos. Passei a amar este índio vermelho profundamente; ambos confiávamos nele implicitamente. O Ewonga estava sempre presente nas nossas sessões, guardando o Alec enquanto em transe. Tínhamos longas e interessantes conversas com ele sobre assuntos espirituais. Durante uma delas, disse-me que uma entidade espiritual muito amada e respeitada, até reverenciada, estava a ser enviada para tomar conta do nosso círculo.

«Louie-One», disse (era assim que ele me chamava sempre), «este ser espiritual avançado pertence-te. Muitos se sentam aos seus pés e escutam. Ele fala palavras de sabedoria. Já estão a preparar o caminho pelo qual ele virá ter contigo. Estejam preparados para o receber.»

Embora o Ewonga não nos tivesse dado o nome desta entidade espiritual que se ligara a mim, estávamos impacientes por fazer a sua amizade. Mas a paciência era algo que tínhamos de aprender a cultivar enquanto o Alec desenvolvia a sua mediunidade. As coisas geralmente não acontecem rapidamente neste campo.

Após a manifestação do Ewonga, o nosso círculo ficou muito melhor organizado. Seguíamos sempre qualquer conselho que ele dava. Disse-nos para formar um círculo de participantes regulares e para realizar sempre a nossa sessão à noite de domingo. O guia sublinhou a importância destes dois fatores se quiséssemos progredir.

Numa destas sessões de domingo à noite, uma voz de barítono profundo anunciou-se como «Adoula», depois bateu no peito e repetiu: «Adoula vem.»

Era um africano e tinha um domínio pobre do inglês. Isso melhorou muito ao longo dos longos anos da sua associação connosco, mas o Adoula nunca se tornou fluente na língua.

O Adoula era uma alma maravilhosa e tornou-se muito próximo do Alec como seu guia de cura. E que curador notável ele era, com inúmeras curas no seu crédito. Não! Corrijo isso. O Adoula nunca tomou crédito por nenhuma das curas milagrosas que ocorreram enquanto o Alec era controlado por ele. Quando muitos abençoavam o seu nome e lhe agradeciam, ele rejeitava tais agradecimentos, dizendo com profunda humildade: «Não agradecer Adoula. Deus dá Adoula… e Adoula só dá a

vocês.» Era a sua maneira de dizer que toda a cura vinha de Deus, que ele era apenas um canal que direcionava a cura para onde era necessária.

Nas sessões de cura, o Adoula trabalhava sempre com um lenço de bolso comum. Usando-o como um raio X, segurava o lenço desdobrado e via o corpo do paciente através dele, movendo-o até encontrar onde os órgãos, ossos ou ligamentos estavam desequilibrados. Nunca era necessário descrever-lhe as doenças ou mesmo indicar as suas localizações. Com uma infalibilidade estranha, o Adoula localizava a queixa. Nunca, em momento algum, presumiu diagnosticar. Sabia o que estava errado — e onde. Sem comentários ou discussão com o paciente, procedia à administração da cura espiritual.

Colocando o lenço sobre a parte afetada, o Adoula soprava nele um fluxo de respiração curativa. Às vezes, emitia um som de zumbido profundo na garganta, baixo e vibrante, que gerava poder. Isso, por sua vez, produzia calor. Na maioria das vezes, o paciente sentia alívio quase imediatamente. Algumas curas espetaculares aconteciam instantaneamente: outras requeriam uma série de tratamentos, possivelmente durante um longo período.

Seguindo o conselho do Ewonga, formámos um círculo de cura. O Adoula estava sempre presente para administrar aos doentes através do Alec. Era mais feliz a trabalhar neste campo da mediunidade.

Capítulo Quatro A SUA FILHA «MORTA» REGRESSA

Embora estivesse muito satisfeita com a forma como a mediunidade de transe do Alec se desenvolveu, e feliz por conhecer os guias que, um a um, se ligaram ao nosso círculo, pensava muitas vezes na profecia do meu irmão de que eu veria o meu pai «morto» antes dele. Perguntava-me quando e como isso poderia acontecer. Escusado será dizer que aconteceu, e em circunstâncias bastante invulgares. Embora não o soubesse, estava prestes a ser introduzida a um tipo de mediunidade dos mais espantosos, a materialização. Não só se ouvia, via, tocava e abraçava entes queridos perdidos, mas eles apareciam tão sólidos e reais como qualquer ser físico. Na aparência, não eram diferentes de quando estavam na Terra.

A minha mãe tinha uma sobrinha chamada Maggie; mas, como era muito mais velha do que eu, chamava-lhe sempre tia Maggie. Era uma mulher muito religiosa, assistindo a todos os serviços da igreja pentecostal ou

reuniões de oração sempre que possível. O resto do tempo dedicava-o à sua grande família. As quatro raparigas e os três rapazes viviam felizes juntos, embora um pouco apertados, numa pequena casa em Porth. Por necessidade, as três raparigas mais novas, Ethel, Doris e Janette, dormiam juntas num quarto.

De repente, a Ethel, uma rapariga extremamente bela, com cabelo dourado longo que chegava abaixo da cintura, adoeceu com tuberculose. Sucumbiu rapidamente e partiu. Devido às condições apertadas de dormir, as irmãs contraíram a doença mortal e morreram dentro de 18 meses após a Ethel.

A pobre tia Maggie ficou desolada com a dor, dominada por esta tragédia terrível que atingiu a sua família unida. Só a sua fé inabalável em Deus a manteve sã. Apesar do seu triplo luto, não tinha desejo de comunicar com as filhas amadas, pensando que o Espiritualismo era a «obra do Diabo». A tia Maggie acreditava firmemente que elas jaziam pacificamente a dormir nas sepulturas, aguardando o chamamento da «última trombeta»!

O meu irmão, Ted, visitava-a semanalmente numa tentativa de trazer um pouco de conforto. Naturalmente, ele sondava com cuidado para ver qual era a atitude dela em relação à vida após a morte. O Ted sugeriu que poderia ajudá-la a comunicar com a Ethel, a Doris e a Janette. A tia Maggie ficou horrorizada. Repreendeu-o por ser espiritualista, cuspindo a palavra com repugnância, acusando-o de trabalhar com o Diabo. Um pouco desinflado, o Ted tentou dar peso aos seus argumentos dizendo à tia Maggie que o Alec e eu estávamos no Movimento. Ao ouvir isto, os olhos dela reviraram-se de horror. Ergueu os braços e orou em voz alta pela nossa salvação. O Ted achou prudente bater em retirada apressada!

Pouco depois deste encontro infeliz, a minha mãe e eu realizámos uma sessão. O Alec estava em transe. Para nossa surpresa, ouvimos a voz da Janette. Dirigiu-se à minha mãe, dizendo: «Tia Polly, por favor, vai ver a minha mãe. Ela está muito doente. Diz-lhe que estamos com ela, a ajudar. Diz que a amamos muito.»

A mãe prometeu fazê-lo. Na manhã seguinte, embora raramente saísse, levantou-se cedo, vestiu-se e apanhou o autocarro para a casa da tia Maggie. Quando a mãe desceu no seu destino, ficou surpresa ao ver o Ted a descer do autocarro na direção oposta. O Ted ficou atónito ao ver a mãe tão longe de casa a essa hora matinal e perguntou o motivo. A mãe

explicou que ia a caminho de ver a Maggie e relatou o pedido urgente da Janette na sessão da noite anterior.

O Ted exclamou surpreendido: «Mas isso é uma coincidência extraordinária! A Ethel veio ao nosso círculo na noite passada e disse a mesma coisa. É por isso que estou aqui. Não vejo a tia Maggie há umas duas semanas, por isso não sabia da doença dela.»

«Isso é muito estranho», respondeu a mãe. «As duas raparigas a trazerem a mesma mensagem ao mesmo tempo, mas em lugares diferentes.» Refletiu um momento, depois disse: «Temo que algo muito errado se passe com a Maggie. Vamos depressa ver por nós mesmos.»

De facto, encontraram a Maggie gravemente doente. Tanto o Ted como a mãe transmitiram as mensagens espirituais das filhas dela. A Maggie achou-as difíceis de compreender, acreditando que elas tinham partido para sempre. Sorriu, depois murmurou: «Oh, se ao menos pudesse aceitar isso.» Uma esperança cintilou momentaneamente nos olhos dela. «Como eu seria feliz.» Então, o rosto toldou-se ao recordar as suas crenças firmemente enraizadas. «Mas isso não é possível. Elas estão nas sepulturas.»

«Escuta, Maggie, minha menina», disse a mãe com suavidade, mas com seriedade, «estou a dizer-te a verdade. Tens de acreditar em mim. Elas vieram ter connosco na noite passada, através do Alec e do Ted. Querem que saibas que não estão a dormir nas sepulturas à espera do chamamento da trombeta da segunda vinda de Cristo. Estão vivas e contigo agora. Como saberiam elas que estavas doente? E como poderiam vir dizer-nos se não fosse assim? Não sabíamos nada da tua doença.» A tia Maggie pareceu um pouco mais feliz com isso, embora não inteiramente satisfeita, enquanto se afundava de novo nas almofadas. Mas um raio de esperança fora-lhe dado. Dentro do mês, partiu durante o sono. Pode imaginar-se a alegria que experimentou ao reunir-se com as suas três lindas raparigas.

Contei esta história porque teve uma sequela que deu provas irrefutáveis de que a Maggie, a Connie e o meu pai ainda estavam vivos, embora noutra dimensão. Para o provarem, materializaram-se com tal clareza e detalhe físico que não tivemos dificuldade em reconhecê-los.

Esta manifestação ocorreu quando a famosa médium de materialização Helen Duncan demonstrou na nossa igreja espiritualista. A Mary, o Alec e

eu tivemos a sorte de obter três dos cobiçados lugares. O Alec comprou um ramo de violetas «para dar à Connie».

À chegada, colocou essas flores dentro do gabinete de sessão.

A demonstração de Helen Duncan começou com os procedimentos habituais. Rezaram-se orações, seguidas de alguns hinos. Muito em breve, os fenómenos começaram a acontecer.

Uma voz masculina culta, com um forte sotaque de Cambridge (a médium era escocesa), anunciou-se como Albert Stewart, o guia da Sra. Duncan. O Albert deu-nos as boas-vindas ao círculo, dando instruções explícitas sobre como devíamos aproximar-nos das formas materializadas. Emitiu também conselhos sobre como nos comportarmos durante a sessão. Feito isso, as cortinas abriram-se, revelando que a médium estava em transe profundo. Uma figura masculina alta, com um robe branco fluido, estava de pé ao lado dela, com a mão no ombro. Fiquei completamente fascinada. Era a minha primeira experiência de materialização. O Alec e a Mary estavam igualmente encantados. Depois de o Albert se materializar, muitos outros vieram mostrar-se e trazer mensagens. Embora fosse uma experiência maravilhosa, estávamos um pouco desligados daqueles comunicadores que não conhecíamos. Esperávamos ansiosamente por um ente querido nosso que trouxesse as provas de que precisávamos.

Não ficámos desiludidos. Passado um bocado, uma jovem bela saiu do gabinete. Era a Connie. Todas as feições eram como quando a vimos pela última vez. Para alegria do Alec, ela segurava as flores dele nas mãos!

«Obrigada, queridos, pelas violetas», disse ela suavemente, mas bastante distintamente. Depois, entregou o raminho ao Alec. O extraordinário era que, depois de serem manuseadas pela Connie, as violetas duraram semanas sem murchar.

Ao sairmos da igreja, eu tinha consciência de uma certa desilusão por o pai não se ter mostrado. Consolei-me reconhecendo que o que vira fora muito gratificante.

Queria que o Ted testemunhasse estas manifestações maravilhosas. Ele fazia um trabalho tão bom pelos vales, dando tanto, realizando serviços na igreja, sempre prestando uma clarividência muito convincente. O Ted era um médium popular. Quando demonstrava, as igrejas enchiam até à

lotação. Sentia que uma sessão com a Helen Duncan o ajudaria e encorajaria ainda mais. Pensava também que o pai se materializaria certamente para o Ted. O Ted ficou entusiasmado com a ideia, e marcou-se uma sessão.

Depois, perguntei ansiosamente se ele vira o pai. Ele respondeu que não. «Mas adivinha quem veio? A Maggie!»

Sabendo da antipatia dela pelo Espiritualismo, fiquei muito surpreendida. «A Maggie!», exclamei.

«Sim», afirmou o Ted, «a Maggie! Saiu do gabinete com o aspeto exatamente como tinha na Terra. Pôs as mãos nos meus ombros e disse: "Teddie!" Era a única da família que me chamava assim.» A voz do Ted estava cheia de excitação enquanto sublinhava esta prova. Depois continuou: «"Teddie", disse ela, "vim dizer-te que tens razão quanto ao Espiritualismo. Eu estava errada. Tens de continuar este bom trabalho."» O Ted riu-se deliciado.

«Mas e o pai?», perguntei. «Ele veio?»

«Perguntei à tia Maggie se ele viria. Ela disse: "Ele está aqui, Teddie. Ajudou-me a vir. Achou que seria mais convincente para ti se fizesse assim."»

Tivemos de esperar vários meses até a Helen Duncan regressar à nossa igreja. De novo, a mãe, o Alec e eu sentámo-nos na primeira fila ao lado do gabinete, esperando ansiosamente a materialização do pai. Desta vez, sentíamos a certeza de que ele viria. Na noite anterior, ele regressara ao nosso círculo e dissera que os guias estavam ocupados a prepará-lo. Ajudá-lo-iam a materializar-se na sessão da Duncan. O pai prometeu que o reconheceríamos. Era com o fôlego suspenso que esperávamos que o Albert concluísse os preliminares habituais. Feito isso, ele parou, olhando em redor. Os olhos pousaram no nosso pequeno grupo. Quase não conseguia respirar!

«Há um cavalheiro aqui», começou, «que deseja vir ter com a senhora da primeira fila.» Mal conseguia conter a excitação.

«Para mim?», ofeguei. «Ele veio para mim?»

«Veio para a senhora ao teu lado», veio a resposta, «mas também para ti.»

Com isso, as cortinas abriram-se — e o meu amado pai saiu do gabinete. Avançou, com os braços estendidos para a mãe. «Poll», disse ele, suavemente, «estou contigo.»

A mãe foi ter com ele. Seguiu-se uma conversa tranquila entre eles, demasiado pessoal para relatar. Não havia dúvida na nossa mente de que era o pai. Antes de o pai aparecer, o Albert instruiu-nos para remover o lenço que sombreava a luz vermelha usada nas sessões de materialização. O pai, explicou, seria capaz de tolerar a luminosidade aumentada. «Ele está ansioso por mostrar-se claramente aos seus entes queridos», acrescentou o guia.

Olhámos atentamente para o pai, mal acreditando que ele estava à nossa frente. Todas as feições eram claras. Os olhos, a textura da pele, todas as linhas e detalhes do rosto estavam lá para todos testemunharem. Além da prova visual, ele parecia tão sólido como eu quando lhe peguei na mão. Inclinou-se e beijou-me levemente na face.

Uma semana ou assim depois, estava a folhear na biblioteca e encontrei um livro, «Towards the Stars», de Dennis Bradley. O título intrigou-me. Levei o volume para casa. Era um relatório muito completo das investigações realizadas pelo autor sobre a mediunidade de voz direta de George Valiantine, um médium americano bem conhecido. Sempre que pegava no livro, uma voz dizia: «Podes obter isso.» Perplexa, descartei a sugestão da minha mente como imaginação. No entanto, a voz era tão persistente que decidi discutir o assunto com a Mary Hewitt. Ela levou a questão a sério. Não pensava que fosse imaginação, mas que alguém tentava impressionar-me de que devíamos sentar-nos para voz direta.

No nosso círculo seguinte, perguntei ao Ewonga se devíamos tentar obter voz direta. Sem hesitação, disse: «Arranja um cone, Louie-One, e espera.» Referia-se, claro, a uma trombeta de sessão em forma de megafone.

Sempre que íamos à igreja espiritualista, o médium demonstrador destacava o Alec ou a mim e falava-nos do «grande trabalho que tínhamos de fazer» ou de que havia planos para o nosso futuro no Espiritualismo. Era muito bom, mas até aquele ponto nada fora esclarecido quanto ao que seriam. O nosso círculo parecia seguir o mesmo padrão sem mudanças. É compreensível por que os guias controladores enviaram um visitante espiritual gentil para me encorajar, através do Alec em transe. Suavemente

falada, dando o nome de Patience, veio trazer-me paciência, de que eu precisava desesperadamente. Disse-nos para perseverarmos. Em última análise, atingiríamos o que procurávamos. Ficámos muito animados com as palavras dela e, depois disso, mais capazes de suportar os atrasos encontrados.

O tempo passou. Tentámos esperar pacientemente que os do Outro Lado se movessem quando estivessem prontos. Então, de forma bastante inesperada, um novo guia importante deu-se a conhecer. Através do Alec veio uma voz profunda e ressonante, anunciando: «Sou White Wing.» O Alec, controlado, levantou-se, parecendo ganhar estatura enquanto vinha na minha direção. «Pertenco-te, Faithful», disse, pegando nas minhas mãos. «Há muito trabalho para ti fazeres.»

«Lá vamos nós outra vez», pensei, e sorri debilmente.

«Repito», veio a voz rica, «há muito trabalho para ti fazeres. O vosso mundo precisa da ajuda que traremos. Contamos contigo para nos ajudares a levá-lo a cabo. Falarei simplesmente. O teu homem é como o motor. Tu és o poder que o faz andar.

White Wing não promete riquezas, mas tereis o suficiente para as vossas necessidades.

Agora, o caminho é estreito e difícil, mas White Wing diz, um dia será uma estrada longa e larga. Centenas viajarão por ela convosco.»

Fiquei completamente dominada pelas palavras dele. Sentia-me tão próxima desta alma maravilhosa que estava preparada para fazer tudo o que pudesse para o ajudar no seu trabalho. Cheguei mesmo a oferecer-me para abandonar a minha música se fosse necessário.

«White Wing», respondeu ele seriamente, «pode até pedir-te isso, Faithful.»

Fiquei tocada pelo belo nome que me deu e perguntei-me por que me chamara assim. Como se captasse os meus pensamentos, disse: «O meu nome para ti é Faithful porque White Wing sabe que serás sempre fiel, mesmo em tempos difíceis. Um dia», profetizou, «quando vieres para White Wing, haverá uma recompensa pela tua fidelidade. Que o Grande Espírito Branco te abençoe.» O guia retirou-se, prometendo voltar. Tornar-nos-íamos muito próximos ao longo dos anos.

Ele tutelou-me em todos os assuntos relacionados com o espírito. Descobri o pouco que realmente sabia. Era virtualmente uma ignorante, no que dizia respeito a este tema, até o White Wing me tomar a seu cargo. Tornei-me sua aluna ansiosa e diligente, confiando nele completamente. Nunca o encontrei errado uma única vez.

Tivemos em mente a injunção do White Wing, dada num círculo subsequente, «de peneirar e questionar tudo o que pretende vir do Outro Lado. Nunca aceitem nada se o vosso melhor julgamento indicar que é inaceitável.» Disse-nos que muitas pessoas aceitavam de coração inteiro e sem questionar todas as declarações de um médium. Não percebiam que, especialmente nas fases de desenvolvimento, as coisas podiam correr mal, permitindo interferências e distorções. Este aviso tornou-nos cautelosos quanto a qualquer manifestação que encontrássemos.

Nessa altura, começámos a experimentar bastantes fenómenos físicos em nossa casa, mesmo com luz comparativamente brilhante. Objetos moviam-se sem razão aparente; colheres de chá eram levantadas por mãos invisíveis e batidas contra pires, e assim por diante. O Alec detestava estar em transe. Não conseguia testemunhar nenhuma das manifestações que ocorriam. Para o conciliar, para que o interesse não esmorecesse, concordei em sentar-me às vezes para escrita automática, para que ele pudesse participar conscientemente na comunicação espiritual. Uma noite, o Alec disse que sentia um impulso para pôr o lápis na mão esquerda. Era apenas um toco pequeno e difícil de segurar. Fiquei muito surpreendida ao vê-lo inserir o lápis entre o primeiro e o segundo dedo da mão esquerda. Sendo destro, isso tornaria a escrita uma tarefa difícil. Mal o Alec segurou o lápis entre os dedos, este começou a escrever rapidamente no papel em branco à sua frente.

Embora começasse na margem esquerda do papel, o texto começava com a última palavra no fim da frase. Terminava à direita do papel com a palavra que começava essa frase. Por outras palavras, a comunicação era de trás para a frente. E, para complicar ainda mais, o texto estava de cabeça para baixo! A mensagem terminada, escrita desta maneira, era legível para mim, sentada diretamente em frente ao Alec, mas não para ele. As letras eram escritas a grande velocidade.

Três vezes o lápis escreveu a mesma mensagem, e sempre de trás para a frente e de cabeça para baixo. Era: «Diz à Mary — mantém-te longe de Londres.»

«Qual Mary?», perguntei. «Hewitt — a tua amiga», escreveu o lápis. «Quem está a escrever isto?», insisti. «Bert», veio a resposta.

Nesse momento, notámos um cheiro acre estranho.

Cheirei e virei-me para o Alec, dizendo: «Estás a cheirar algo? É como enxofre a queimar.»

As narinas do Alec tremeram. «É como o cheiro que fica depois de uma granada explodir. Lembro-me muito bem.»

Não surgiu explicação imediata, nem sobre o Bert nem sobre o odor estranho. Algumas semanas depois, soubemos que o irmão do Alec Hewitt, Bert, fora morto pela explosão de uma granada na Primeira Guerra Mundial. Foi o primeiro contacto do Bert connosco, mas depois comunicou frequentemente durante muitos anos.

Após receber o aviso do Bert, era tarde demais para o transmitir à Mary. Na manhã seguinte, cedo, fiz questão de o fazer, sabendo que às vezes a Mary conduzia para Londres aos fins de semana.

Ao ler a mensagem, o rosto da Mary mostrou a sua surpresa. Estava visivelmente perturbada. Contou-me que parecia inevitável ter de ir para Londres. O marido mencionara, apenas na noite anterior, que pretendia operar o negócio a partir da capital e queria residir em Londres.

«Mas teremos de repensar antes de nos mudarmos, não é?», disse ela gravemente.

Li que era absolutamente essencial sentar-se em escuridão completa para alcançar voz direta, com apenas a trombeta de sessão com uma faixa de tinta luminosa na extremidade mais larga para a tornar visível aos participantes. Fiquei desconcertada, sem desejo de sentar-me no escuro. O Alec e eu continuámos a meditar com luz vermelha. Os guias aparentemente decidiram tomar-me a seu cargo e condicionar-me a sentar-me na escuridão. Mal começávamos a meditação, a luz apagava-se. Depois, descobríamos que o filamento do globo fora destruído. Isso aconteceu vezes sem conta. Sentia uma irritação crescente à medida que a pilha de globos partidos aumentava.

Como de costume, quando em dificuldades, consultei a Mary Hewitt. Contei-lhe este novo problema, explicando que os guias estavam a ser teimosos, se não um pouco destrutivos, nos esforços para nos persuadirem a sentar-nos na escuridão. Ela sorriu, divertida com a batalha de vontades entre dois mundos, e ofereceu-se para vir nessa noite e observar o que acontecia.

De facto, o mesmo fenómeno ocorreu. Mal a nossa sessão começou, a luz apagou-se. A Mary riu-se, abanando a cabeça sabiamente.

«Receio que tenhas de aprender a cumprir os desejos dos guias», disse. «Eles estão no comando e não tolerarão interferências nos seus arranjos. Tenta sentar-te na escuridão, caso contrário, não acho que obtenhas o que procuras.»

Suspirei, concordando a contragosto. Para nossa surpresa, daí em diante, os guias ligavam e desligavam a luz à vontade sem manipular o interruptor. Não fiz qualquer movimento para interferir.

A Mary e o marido acabaram por deixar o nosso distrito para viver em Londres, apesar do aviso do Bert. Senti agudamente a perda dela. Para onde iria agora, perguntei-me, quando encontrasse os problemas inevitáveis?

As pessoas espirituais, sempre cientes dos nossos pensamentos, foram rápidas a consolar-me e a acalmar os meus medos. Recebi uma mensagem através de um médium visitante na igreja espiritualista. Era: «Não deves ficar perturbada. Uma amiga deixou-te, mas duas mais virão depois para ajudar no trabalho que estás a empreender.»

O Alec e eu continuámos as nossas sessões de meditação noturnas no escuro. Antes de nos sentarmos, colocava a trombeta luminosa na prateleira da lareira. Aqui ficaria, resolutamente imóvel, aparentemente desinteressada dos procedimentos.

Uma noite, de forma bastante inesperada, mesmo quando estávamos prestes a encerrar, para nossa surpresa, a trombeta moveu-se! Ergueu-se e deslizou silenciosamente pela prateleira da lareira, vindo a repousar no lado oposto. A trombeta evitou duas jarras que estavam no seu caminho.

Simultaneamente, ouviu-se um forte som de chocalho, como se se atirassem pedrinhas contra a porta. O ruído súbito assustou-nos, mas ficámos muito entusiasmados e esperámos expectantes por mais

manifestações. A trombeta não fez mais excursões. Encerrámos a sessão. Dizer que estávamos satisfeitos com o que ocorrera seria um enorme eufemismo; estávamos ambos entusiasmados.

A possibilidade excitante de fenómenos futuros perturbou-nos tanto que, quando finalmente fomos para a cama, o sono fugiu-nos. Ficámos acordados até altas horas, contemplando as manifestações maravilhosas que poderiam estar à nossa espera no círculo. O que mais ocupava a minha mente era um profundo sentimento de gratidão para com aqueles guias dedicados que trabalhavam incansavelmente para nos ajudar a alcançar o nosso objetivo.

No domingo seguinte, convidei uma amiga, a Betty, para se juntar a nós na sala de sessões. Era a filha jovem de uma conhecida da minha mãe. A mãe da Betty partira havia pouco tempo. Uma semana antes, recebera uma mensagem dela através do médium da igreja para transmitir à Betty. Achei que seria bom para ela falar com a mãe, daí o convite.

Pouco antes de começarmos a sessão, chegou o primo da Betty, o Murdo, à procura dela. Trancara-se fora de casa — o Murdo estava a ficar com a Betty e a família dela — e veio pedir a chave emprestada. O Murdo era um jovem tão simpático que me senti atraída por ele e pedi-lhe que se juntasse a nós. Alternativamente, disse, podia esperar na sala de estar até o círculo acabar. O Alec aproximou-se do Murdo e tentou persuadi-lo a juntar-se aos participantes, dizendo: «És um escocês astuto. Ficar-lhe-ia grato pelas tuas observações imparciais sobre o que acontece nos nossos círculos. Gostaria de saber o que realmente se passa. Não acredito em metade do que me contam. Estou "inconsciente" o tempo todo.» Vendo a expressão perplexa no rosto do Murdo, o Alec explicou sobre a sua mediunidade de transe.

O Murdo acenou com a cabeça em compreensão, concordando em acompanhar a Betty à sala de sessões. Era a primeira experiência deles de comunicação espiritual, por isso dei-lhes uma breve explicação do que esperar. O Alec entrou em transe.

O Ewonga foi o primeiro a comunicar com este conselho: «Chegou o momento de vos sentardes para voz, mas o Ewonga diz quem deve sentar-se. O Ewonga sabe melhor.»

Cada participante estava expectante, esperando ser escolhido para o círculo de voz. A voz profunda do Ewonga retomou: «Primeiro, o Alec e a Louie»,

e, dirigindo-se à Betty e ao Murdo: «Talvez esta senhora e este cavalheiro sejam gentis o suficiente para nos ajudar, dando o seu tempo todas as semanas. Se, claro, estiverem interessados.»

Os dois indicaram que sim e que estavam dispostos a juntar-se ao círculo. Então, com a cortesia característica, o Ewonga pediu aos restantes participantes que não ficassem desiludidos por não terem sido selecionados.

«Estes quatro que escolhi», explicou, «têm o necessário nas suas emanações corporais para obter voz direta. Se se sentarem sozinhos, bastante à parte do vosso grupo atual, a voz virá rapidamente.» Notando que alguns participantes pareciam um pouco abatidos, acrescentou uma palavra de conforto: «Depois, todos beneficiarão dos esforços deles. Uma vez que tenham sucesso, a voz virá então ao vosso círculo de domingo.» Isso aliviou a desânimo deles. O Ewonga continuou: «O White Wing dar-vos-á as instruções no próximo domingo. Sugiro que comecem a sentar-se para voz na terça-feira seguinte. Desejo-vos sucesso, Louie-One. Que Deus abençoe os vossos esforços.» Retirou-se, deixando-nos grandemente encorajados, ansiosos por começar o novo círculo de terça-feira.

Como a Betty morava muito perto do teatro onde eu trabalhava, decidimos realizar as sessões de voz em casa dela. Eu podia ir lá entre espetáculos. Poderíamos sentar-nos uma hora e um quarto por semana.

No círculo de domingo, quando o White Wing nos deu as instruções, sublinhou a importância da regularidade. «Nunca falhem uma sessão», instou. «É essencial que a ligação não seja quebrada.» Todos cumprimos as instruções dele ao pormenor. Até o Murdo, um viajante, certificava-se de nunca sair de Cardiff às terças-feiras.

Após nove terças-feiras de sessões, tivemos um revés. Na décima, o Alec inexplicavelmente não apareceu para o círculo! Sentindo-me magoada e desiludida por ele nos ter desiludido a nós e às pessoas espirituais, percebemos que provavelmente estava cansado de se sentar semana após semana, sem nada para mostrar pelos seus esforços além de resultados negativos. Mas não nos sentíamos todos assim? Apenas as injunções do White Wing sobre a importância da «regularidade» e de «manter a ligação inquebrada» sustentavam o nosso interesse esmorecente. Em vez de cancelar a sessão, realizámos o círculo com os três, o Murdo, a Betty e eu.

O White Wing instruíra-nos para nos sentarmos à volta de uma mesa com as mãos apoiadas nela. Os dedos mínimos de cada mão deviam estar em contacto com os dos participantes ao lado; os polegares tinham de ficar separados. Aconselhou também a deixar correr água pela trombeta antes de a colocar na mesa. Executadas as instruções, começámos. Muito em breve, ficámos espantados ao ver a trombeta rolar pela mesa. Lentamente, rastejou para as minhas mãos, ficou ali um momento, depois voltou ao centro da mesa, onde ficou imóvel novamente.

Ficámos mais do que satisfeitos com o nosso progresso. Ao encerrarmos o círculo, cada um de nós experimentou um sentimento de realização. Finalmente, algo positivo acontecera. Estávamos a chegar a algum lado, sentíamos, se a trombeta se movesse. As nossas semanas de sessão paciente não tinham sido uma perda de tempo.

Cheguei a casa e encontrei o Alec à minha espera, com um ar um pouco envergonhado. «Como correu o círculo de voz esta noite?», perguntou. «Aconteceu algo espetacular?»

Ainda magoada pelo boicote deliberado dele, retruquei zangada: «Como ousas perguntar isso? Devias ter vergonha de ti, a desiludir os guias assim. Esqueceste o que o White Wing disse sobre "não quebrar a ligação"? Não precisas de te dar ao trabalho de vir novamente se não quiseres.»

«Do que estás a falar?», disse o Alec. Via-se que estava curioso.

«A trombeta moveu-se sem ti, é tudo.»

«Moveu-se?» Parecia incrédulo. «Não acredito!»

«Moveu-se», disse eu simplesmente. Contei ao Alec que o White Wing insistira que ele não devia entrar em transe nos círculos de voz. Pretendia-se que eu fosse o médium para esses. Perguntei ao Alec se estava disposto a ajudar-me a desenvolver-me nesse campo. Para meu alívio, concordou prontamente, mais do que feliz por poder testemunhar os procedimentos ele próprio pela primeira vez.

No domingo seguinte, o White Wing disse que a sala que usávamos não era satisfatória, pois era demasiado grande. Pediu-nos para nos sentarmos numa mais pequena. A Betty tinha uma sala de costura que parecia ideal para o nosso propósito. Tendo-a escurecido satisfatoriamente, usámo-la na terça-feira seguinte.

Começámos o círculo com o novo formato, o Alec permanecendo consciente durante todo o tempo. Terminadas as orações e os preliminares, ficámos grandemente surpreendidos ao ver a trombeta erguer-se da mesa e mover-se rapidamente pela sala. Era obviamente dirigida por mãos invisíveis. Mais tarde, soubemos que, para realizar esta proeza, usavam varas psíquicas, moldadas a partir de ectoplasma extraído dos participantes e do médium.

Enquanto todos nos congratulávamos a nós e aos amigos espirituais pelo grau de sucesso alcançado, a trombeta caiu subitamente no chão com um estrondo. Provocou exclamações de consternação de todos nós.

Pensando que o poder diminuíra, cantámos um hino, «Bringing In The Sheaves», no máximo da voz. Isso era para elevar as vibrações. Teve o efeito desejado. A trombeta começou lentamente a rastejar pelo chão. Avançou até chegar aos meus pés. Então, a trombeta subiu pela minha perna, movendo-se pelo lado do meu corpo até ao ombro. Fiquei imóvel, mal conseguindo respirar, para não a impedir de forma alguma. Depois desceu, voltando à mesa, onde repousou. Ao encerrar o círculo, a trombeta moveu-se novamente e veio ter comigo, deitando-se nas minhas mãos cruzadas, pressionando com força, como se indicasse que os nossos amigos espirituais se juntavam a nós em oração. Foi um gesto reconfortante.

Capítulo Cinco OCORREM IMPOSSIBILIDADES FÍSICAS

Os responsáveis pela mediunidade do meu marido planearam agora levar o desenvolvimento dele um passo mais além. O Chang, falando através dele, anunciou: «O Alec tem de ir para o gabinete.»

«Mas, Chang», protestei, «o Alec diz que nunca se sentará num gabinete. Não gosta de se sentir confinado.»

«Pequena Senhora», entoou firmemente a voz oriental, «quando o Chang diz que o médium vai para o gabinete, para o gabinete tem de ir!» Desconcertada, sabendo da aversão do Alec aos gabinetes, perguntei ao White Wing uma explicação. Se eu era o médium de voz, certamente não era necessário o Alec sentar-se no gabinete.

«Faithful», vieram os tons calmos e ricos, «és o médium de voz, mas o Alec é um médium físico muito poderoso. Decidimos que, em vez de vos desenvolvermos separadamente, tentaremos misturar o poder. O Alec

entrará em transe. Tens de ser a metade consciente. É essencial que um médium físico tenha um contraponto consciente para cuidar dele. O Alec terá manifestações de voz apenas se estiveres presente.»

Fiquei bastante satisfeita com este novo arranjo e senti-me grandemente entusiasmada. O Alec estava longe de satisfeito.

«Por que tenho de entrar em transe?», queixou-se. «E por que num gabinete, pelo amor de Deus?»

Fiz o meu melhor para explicar o que o White Wing dissera. O Alec consentiu a contragosto em fazer o que o Chang pedia.

Agora que a sua mediunidade física fora lançada, um novo guia juntou-se a nós. O Christopher tornou-se um membro importante da nossa equipa de ajudantes espirituais. Era um intermediário entre os membros do círculo e seres num plano superior que davam informações e instruções sobre a condução do círculo em geral e do médium em particular.

O Christopher recebia estas instruções e transmitia-nas. O conselho era sábio, útil e inestimável em todos os momentos. Aceitávamos o que ele dizia sem questionar, acreditando sempre que «o Christopher sabia melhor».

Nunca se materializou, mas geralmente falava em voz independente. A sua voz de barítono leve, suave e com ceceio, com a apresentação lenta, era ouvida quer acima do gabinete quer de cima em qualquer parte da sala. Ocasionalmente, o Christopher usava a trombeta. Às vezes, podia ser ouvido a conversar com o Alec no gabinete. O guia vinha sempre com conselhos, nunca se entregando a comentários triviais. O Christopher era uma engrenagem muito importante na maquinaria de materialização do círculo do Alec Harris. Havia muitas engrenagens assim, algumas grandes, algumas pequenas, mas todas importantes, com o seu próprio trabalho especializado a fazer.

Uma a uma, estas engrenagens, na forma de guias amigáveis, começaram a operar suavemente no nosso círculo. À medida que cada uma aparecia, apresentava-se educadamente, explicando o motivo da sua presença e aplicando-se metodicamente ao desenvolvimento da mediunidade do Alec. Cada passo era guiado para o seu canal apropriado no momento certo. Nada

era apressado. Naturalmente, com a chegada de cada novo guia de confiança, a confiança na nossa equipa de ajudantes crescia.

Quando, uma noite, uma voz calma e gentil anunciou: «Sou Rohan», ficámos muito felizes por dar as boas-vindas a mais um amigo espiritual. Perguntei-lhe o que fora durante a vida terrena.

«O que fui», veio a resposta gentil, «não tem importância. É o que sou e o trabalho que venho fazer que importa. Esta é a minha maior preocupação. Venho ajudar-vos a dar ao mundo a verdade sobre a vida após a morte. O meu trabalho é ajudar a humanidade a uma melhor compreensão do que é conhecido como morte. Estarei sempre perto do médium, para o ajudar e proteger, e para guiar os esforços dele e os vossos pelo caminho ordenado.»

O Rohan prometeu estar presente em todos os círculos. Era sempre ele quem vinha primeiro cumprimentar e aconselhar os participantes.

Em deferência à aversão do Alec por se sentar num gabinete, permitiu-se-lhe sentar-se a um lado dele, um pouco afastado do resto de nós. O Christopher disse-nos para colocar a trombeta fora do gabinete. Fizemos exatamente como nos disseram, acreditando firmemente que as vozes ocorreriam. Ficaríamos desiludidos. Durante várias semanas, o cone recusou-se até a mover-se, quanto mais produzir o mais leve sussurro.

Enquanto debatíamos o que fazer, subitamente recebemos uma mudança de instruções. Disseram-nos para colocar a trombeta dentro do gabinete no próximo círculo de terça-feira. Infelizmente, esqueci-me e coloquei-a fora como antes. Mal começámos, a trombeta ergueu-se no ar e entrou no gabinete por sua própria conta! Mais tarde, recebi esta repreensão do White Wing: «Faithful. Pedes voz. Tens de cumprir todas as nossas instruções se quiseres sucesso.»

Ficou claro que os guias nunca esqueciam o que ocorrera entre nós em sessões anteriores. Gostavam de ser obedecidos. Tornei-me meticulosa quanto aos procedimentos relativos ao círculo. Virei uma verdadeira sargento-mor.

Por essa altura, um médium de voz visitou Cardiff. Estava ansiosa por reavivar o interesse esmorecente do Alec neste tipo de mediunidade e acreditava que poderia consegui-lo dando-lhe uma experiência em primeira

mão. Tirei uma noite livre do teatro. O Murdo, a Betty, o Alec e eu assistimos a uma das sessões de voz que foram organizadas.

O procedimento parecia não diferir do nosso, exceto que, além da trombeta, havia vários brinquedos, cornetas e pandeiretas, marcados com tinta luminosa. Obviamente, estes seriam movidos, chocalhados ou soprados por entidades espirituais durante o círculo.

Não tendo testemunhado uma sessão assim antes, estávamos todos intensamente interessados. No entanto, não foi tão espetacular como esperávamos. Quase nenhuma voz direta falou, apenas as através dos lábios do médium. Bastantes fenómenos físicos menores estavam em evidência. O médium não poderia ser responsável por estes. Estava firmemente amarrado pelo Murdo e vários outros antes da sessão.

O guia do médium disse que queria falar com a senhora junto à janela. Como eu era a única mulher nessa posição, foi divertido que muitas mulheres reconhecessem o chamamento dele.

«Não», disse o guia, «repito que quero a senhora junto à janela.» Respondi. Intimou que eu era a pessoa que requeria.

«Senhora», disse, «tens em casa alguém com poder muito maior do que o médium que estou a usar hoje.» Pensei: «Deve referir-se ao Alec. Mas posso confiar nele?» Como se em resposta à minha dúvida, o guia continuou: «Comigo está um grande chefe, um índio norte-americano. Ele dá-te esta mensagem, está a contar contigo para garantir que o trabalho começado seja levado a cabo. Ele pergunta: "Prometes, Faithful, fazer isto?"»

Espantada por o White Wing estar presente neste círculo, dei a minha pronta garantia. Impressionámo-nos com a maneira como ele se identificou. Usando o nome que me dera, «Faithful», não poderia haver dúvida na nossa mente de que era ele. Além disso, regressando através de um médium diferente do Alec, era mais uma prova, se precisássemos, da realidade da sua existência. Este médium era desconhecido para nós, e nós para ele.

Seguiu-se uma demonstração de fenómenos físicos. Sinos tocaram, pandeiretas chocalharam, objetos flutuaram no ar e fomos tocados por mãos invisíveis. Para mim, foi uma experiência maravilhosa. Esperava o mesmo para o Alec, mas ele ficou completamente indiferente a «toda esta

tolice». Insistiu que nada acontecera que não pudesse ocorrer facilmente sem intervenção espiritual.

«Alec!», ofeguei, chocada com a descrença dele. «Como podes dizer isso? E a mensagem do White Wing? Como poderia o médium saber que ele me chama sempre "Faithful"? O que tens a dizer sobre isso?» O Alec não conseguia explicar esta parte, mas insistiu que os fenómenos poderiam ser duplicados por meios físicos. A Betty e o Murdo entraram na contenda, protestando contra a atitude do Alec. A discussão tornou-se bastante acalorada, mas o Alec não cedeu.

«Está bem!», exclamou. «Amarrem-me e eu mostro-vos que consigo fazer tudo isso. Não serão comunicadores espirituais a mover as coisas!»

Sem qualquer aviso, o Alec entrou espontaneamente em transe. O nosso guia oriental, o Chang, dirigiu-se a mim.

«Pequena Senhora», disse. «Faz o que o médium diz. No vosso próximo círculo, amarrem-no. Ele terá uma grande surpresa. Todos terão uma grande surpresa, um grande choque.» O Chang parecia divertido, depois continuou seriamente: «Não fiques zangada com o Alec. Ele capta os pensamentos de outras pessoas e fala-os como seus. Não é culpa dele. Isto não é o que ele pensa.» Parou, como se considerasse algo, depois acrescentou: «Amarrem-no. Vede o que acontece.»

Como se com o estalar de um interruptor, o Alec saiu do transe. Consciente, continuou acaloradamente com a discussão que grassava antes do anúncio do Chang. Estava totalmente inconsciente de que houvera uma interrupção na conversa, nada sabendo dos comentários do Chang.

«Eu mostro-vos», disse. «Dêem-me apenas uma oportunidade.» Olhou desafiadoramente para os três.

«Está bem», disse eu presunçosamente, «no próximo domingo, em vez do nosso círculo habitual, vamos amarrar-te bem e em condições. Podes mostrar-nos como se faz.»

Parou abruptamente com isso, parecendo, pensei, um pouco alarmado. O Alec tentou rir-se da situação com um encolher de ombros. Acho que esperava que todos esquecêssemos o assunto. Mas não tínhamos intenção de o fazer.

No início do domingo, preparámos a sala de sessões para a demonstração do Alec. Colocámos uma cortina num canto da sala para servir de gabinete. Como era Natal, decorámos as paredes e o teto com fitas, brilhantes, balões e semelhantes. Encontrámos alguns brinquedos, tambores, cornetas, pandeiretas, etc., e colocámo-los, juntamente com as rédeas do meu filho bebé, que estavam carregadas de sinos, numa mesa dentro do gabinete improvisado.

Usámos tudo o que pudesse ser movido ou fazer barulho. A cadeira para o Alec foi colocada fora do gabinete.

Quando chegou a noite, entrámos na sala de sessões, seguidos por um Alec um pouco abatido. Grande parte da bravata dele evaporara-se desde a afirmação acalorada de que, dada a oportunidade, poderia produzir «fenómenos espirituais» por meios físicos. Aqui estava a oportunidade; pretendíamos obrigá-lo a cumprir a palavra. Afinal, o Chang não dissera que devíamos?

Carrancudo, o Alec tomou o seu lugar na cadeira reservada para ele. O Murdo amarrou-o firmemente com metros de corda robusta. Talvez tenha sido um pouco demasiado entusiasta nisso. O Alec gritou alarmado: «Murdo! Não tão apertado, homem. A corda está a morder-me.»

«Foi assim que amarrei o outro médium», disse o Murdo. «O "falsificador".»

Todos rimos do desconforto do Alec, sentindo-nos absolutamente certos de que ele não conseguiria mover as mãos, quanto mais algo dentro do gabinete.

Sentados com luz vermelha, abrimos o círculo com uma oração e preparámo-nos para uma longa espera. Isso provou ser desnecessário. Quase imediatamente, e para nossa total surpresa, os sinos foram agitados vigorosamente no gabinete. O tilintar era alto e claro. Rapidamente, olhámos para o Alec para ver se ele conseguira o impossível e se libertara das cordas do Murdo. Mas não. Ele estava sentado, ainda firmemente amarrado de mãos e pés, parecendo decididamente assustado. O Alec percebeu que isto não era uma manifestação física orquestrada por um de nós. Estávamos todos ligados mão com mão. O Murdo olhou para mim. Acenei com a cabeça. Ele levantou-se e apagou a luz — e as coisas começaram realmente a acontecer.

Algo, um objeto estranho, foi largado no colo do Murdo. A voz aguda chinesa do rapazinho espiritual Toi-Toi ouviu-se a denunciar zangadamente o médium: «Alec, ele muito mau homem! Devolve-lhe essa "coisa" que trouxe consigo. Nós não precisamos dela.» Como estava escuro, não conseguíamos ver o que era que tanto irritara o pequeno. Tivemos de esperar até ao fim do círculo para o inspecionar.

Que sessão maravilhosa se revelou. Os balões foram removidos sobrenormalmente do teto e rebentados com estrondos altos. Isso deliciou as crianças espirituais, que se divertiram imenso. No entusiasmo, puxaram todas as decorações. As pandeiretas foram tocadas com gosto. Mãozinhas excitadas deram corda a carrinhos de brincar, dispararam pistolas, tocaram harmónicas e bateram tambores. Era tudo tão inesperado. Mal podíamos acreditar que todos estes fenómenos físicos tinham ocorrido no nosso círculo.

Havia 12 participantes, e o querido e duvidoso Alec. Lembrámo-nos então das palavras do Chang sobre deixar o Alec tentar a mediunidade física. Ele dissera que todos teríamos uma grande surpresa. Surpresa? Que eufemismo! Ficámos atónitos.

Durante o círculo, o Ewonga falou-nos na sua voz gentil de barítono, expressando gratidão ao Alec por tornar possível manifestarem-se desta forma. Que conquista fora para os de ambos os lados do gabinete. O Ewonga acrescentou que esta era a primeira de muitas sessões assim. No futuro, poderiam esperar-se acontecimentos ainda maiores.

Antes de partir, instou-nos a não ficarmos zangados com o Alec. Zangados? Como poderia algum de nós sentir raiva dele? Estávamos entusiasmados com o que ocorrera. Era agora óbvio que o Alec tinha qualidades mediúnicas muito especiais.

Finalmente, comecei a entender as profecias repetidas anteriores sobre o «grande trabalho» que nos esperava a ambos. Arrependi-me da irritação que sempre sentira quando me falavam disso.

Mal a luz se acendeu, apressámo-nos a inspecionar o objeto que o Toi-Toi lançara com tanto desdém no colo do Murdo. A princípio, ficámos perplexos ao descobrir que era uma régua extensível, do tipo geralmente usado por artesãos. Então, a compreensão surgiu. O Alec aparentemente metera a régua no bolso com a intenção de a recuperar durante a sessão.

Estendendo-a, esperava simular atividades espirituais tocando-nos ou movendo objetos, por mais inexperiente que fosse. Isso, sentia o Alec, provaria indubitavelmente o seu ponto sobre manifestações falsas e participantes crédulos. Os guias tinham outras intenções. Tomando uma mão forte, mostraram que o Alec era um médium físico muito poderoso, não que isso o agradasse de forma alguma. Preferiria ter deixado todo o assunto em suspenso, ou preferencialmente abandonado-o por completo. Mas o Alec percebeu que, tendo chegado tão longe no seu desenvolvimento, estava comprometido a continuar o trabalho que o espírito lhe atribuíra.

Daí em diante, frequentemente aos domingos, realizávamos círculos especiais. Acontecimentos espantosos ocorreram. Por exemplo, um participante seria amarrado ao Alec por uma corda forte que era segura por uma variedade de nós complicados (nós policiais, nós navais e aqueles improvisados por vários membros do círculo) que seriam difíceis de desatar nas melhores circunstâncias, quanto mais no escuro.

Às vezes, éramos instruídos a amarrar fio de algodão entre os polegares do Alec, tornando impossíveis movimentos das mãos sem romper o fio. Isso, éramos aconselhados, convencer-nos-ia de que o médium não tivera qualquer papel nos fenómenos seguintes. Tendo sido firmemente atado, o Alec entraria em transe.

Num momento, o pulôver do Alec, usado por baixo do casaco, seria removido espiritualmente, deixando intactos os nós na corda e o fio entre os polegares. Isso era uma impossibilidade física.

Estranhamente, sempre que era a minha vez de ser amarrada ao Alec, experimentava uma queda súbita na temperatura corporal no preciso momento em que o pulôver era tirado do corpo dele. Uma frieza estranha envolvia-me enquanto a peça era desmaterializada. Isso indicava-me que uma grande quantidade de poder era necessária para isso.

Outra demonstração foi concebida para nos dar uma visão da perceção espiritual. Todos os membros do círculo colocariam um artigo pessoal numa mesa dentro do gabinete. Isso era feito antes da sessão, antes de o Alec entrar na sala. Então, no fim da sessão, cada artigo era encontrado devolvido ao seu legítimo dono. Nunca houve um erro. Era uma forma de nos provar que havia uma inteligência sobrenormal em ação.

Claro, haverá sempre Tomés duvidosos. Numa ocasião, um Sr. K. em Cardiff comentou: «O médium senta-se sempre na própria casa. Usa uma cadeira especial.» Que tipo de cadeira era, não elaborou. Um dos nossos participantes ouviu este comentário. Sentindo que denegria a mediunidade do Alec, relegando-a para fraude, retorquiu acaloradamente que, onde quer que o Alec se sentasse, qualquer cadeira em que se sentasse, não fazia diferença. Fenómenos notáveis sempre ocorriam.

«Mas poderia ele fazer isso em minha casa?», desafiou o cético. «Só acreditarei se as mesmas manifestações acontecerem no meu lugar.»

O Alec foi obrigado a dar uma sessão em casa do duvidoso. No dia marcado, o Sr. K. convidou um grupo de amigos para formar um círculo. Para garantir que não tínhamos nada a ver com a preparação da sala de sessões, pedimos se ele faria todos os arranjos preliminares. O cético concordou prontamente. Mais cedo no dia, deixámos com ele uma pequena mala contendo as cortinas pretas para o gabinete, corda para amarrar o Alec e vários brinquedos pintados com tinta fosforescente. À hora combinada, chegámos e encontrámos tudo em ordem, todos prontos para começar. Cada um colocou um artigo pessoal na mesa no gabinete antes de o Alec entrar na sala. Antes de entrar em transe, foi firmemente amarrado pelo Sr. K. e amigos; não tivemos nada a ver com isso. Claro, o mesmo fenómeno aconteceu como antes. Cada membro recebeu o seu artigo antes do fim do círculo.

Um piano estava a um lado da sala. O Sr. K. sentou-se à frente dele. Ainda a tentar testar a extensão das capacidades espirituais, perguntou: «Alguém pode bater no piano?» Imediatamente, veio um som forte de pancada no instrumento de madeira. Não satisfeito com isso, o Sr. K. pressionou por mais provas de que seres espirituais estavam presentes. «Queria dizer tocar o piano», exigiu. Imediatamente, dedos invisíveis correram para cima e para baixo nas teclas.

«Isso é espantoso!», exclamou excitado. «O piano está trancado!»

As pessoas espirituais estavam num estado de espírito musical. Mudaram a atenção para diapasões. Ouvimos um ser golpeado. Deu um tom zumbente na chave de «Lá». Depois, outro foi golpeado. Produziu um tom mais baixo. O segundo diapasão pertencia a um violoncelista, um dos participantes.

Ambos tinham sido colocados no gabinete antes do círculo começar. Bastante extraordinário foi que, mais tarde na sessão, cada diapasão foi devolvido ao seu dono correto, embora fossem idênticos aos olhos.

O Sr. K. saiu da sessão firmemente convencido da autenticidade dos fenómenos que testemunhara. Sentia que o nosso trabalho não era proporcionar entretenimento para participantes casuais, nem esforçar-nos por convencer descrentes que eram tão cegos que não viam. No entanto, os guias eram tolerantes com os difíceis e incrédulos. Percebi que estavam a construir o poder, testando e experimentando, tentando avaliar o grau de desenvolvimento alcançado.

Tínhamos agora uma adição ao nosso grupo de trabalhadores, duas adoráveis crianças espirituais, Sonny e Kitty. Tornaram-se associadas próximas do nosso filho pequeno, Bradley. Ele passou a considerá-las parte da família. Se estivesse em dificuldade a qualquer momento, ou perdesse algo, pedia a assistência delas. Nunca falhavam em vir em seu auxílio.

A Igreja Espiritualista Park Grove de Cardiff teve a sorte, nesta altura, de receber uma visita da famosa e muito amada médium Helen Hughes.

Arrumei imediatamente uma sessão com ela. O guia índio vermelho da Helen disse que sabia que estávamos a sentar-nos para vozes espirituais. «Terão», acrescentou, «também materialização de forma completa antes de muito tempo.» Isso parecia difícil de acreditar.

Quando a Helen saiu do transe, ouviu clarividentemente sobre a mediunidade do Alec produzir formas materializadas. Sorriu e acrescentou: «Se o meu guia disse isso, acontecerá. A materialização será o forte do Alec. Há um grande trabalho para ambos. Um destes dias, pedirei a ti e ao teu marido uma sessão.» Dez anos depois, a profecia dela confirmou-se. A Helen sentou-se num dos nossos círculos de materialização.

Por volta desta altura, a minha sobrinha, Phyllis, veio viver connosco. Pediu para se juntar ao nosso círculo de desenvolvimento de terça-feira. Ficámos deliciados por tê-la. Foi afortunado a Phyllis ter vindo quando veio, pois, de forma bastante inesperada, sofrermos um revés no nosso círculo. A Betty e o Murdo tiveram de deixar Cardiff. Se não fosse a Phyllis se juntar ao círculo, não teríamos podido prosseguir com as sessões de voz. A Phyllis e eu decidimos continuar apenas com as duas, dando o poder que podíamos ao Alec em transe. Realizávamos os círculos agora em

nossa casa. Que algo viesse parecia uma esperança vã. Mas uma noite, enquanto cantávamos, a trombeta saiu do gabinete. Para nossa surpresa, o meu pai falou. Chamou o meu nome através da trombeta. Era apenas um sussurro, mas era a voz do meu pai; disso tinha absoluta certeza. Lembrei-me da promessa dele de ser o primeiro a cumprimentar-me do Outro Lado, mas mal ousara esperar ouvir a voz dele novamente.

Noutra noite, cantei «The Indian Love Call». Quando cheguei às palavras finais do verso «You belong to me», uma voz profunda de barítono do gabinete completou a canção, cantando lindamente: «I belong to you.» Mais tarde, soube que o meu amado White Wing era responsável. Não havia dúvida agora de que os comunicadores espirituais podiam falar e cantar bastante independentemente do Alec. Embora demorasse muitos meses antes de conversarem connosco por qualquer extensão, quando o faziam, as vozes eram fortes, reconhecíveis e bastante distinguíveis da do Alec. Levou dois anos de sessão dedicada e diligente para alcançar isso.

Durante os meses de inverno, fazia um frio amargo. Como realizávamos os nossos círculos no quarto, a Phyllis e eu sentávamo-nos na cama com o edredão por cima. O pobre Alec languia em transe num canto do quarto atrás de uma cortina pendurada para formar um gabinete. Insistia sempre em ser amarrado. O Alec temia ser acusado de manipular a trombeta. Isso era ridículo. Muitas vezes, até três trombetas operavam ao mesmo tempo. Havia também uma placa luminosa e uma cruz que sempre colocávamos no chão antes de começar o círculo. Estas flutuavam pela sala, tocando gentilmente o participante que os comunicadores desejavam abordar.

Uma noite, sentindo pena do Alec, decidimos não o amarrar da maneira habitual. Deixámo-lo sentado relaxado e confortável na cadeira atrás da cortina. Mal começámos, as duas crianças espirituais, Sonny e Toi-Toi, disseram que queriam amarrar o Alec. Pegaram na caixa com as cordas, etc., de debaixo do roupeiro e puseram-se ao trabalho com determinação. Ouvimos a corda ir e vir enquanto a amarração ocorria.

Tivemos uma verdadeira «festa» nessa noite! Fomos borrifados com perfume. Quadros foram removidos das paredes e colocados na cama. Todas as minhas roupas foram tiradas do roupeiro e alegremente deitadas na cama pelas crianças. Elas estavam simplesmente cheias de travessuras. Depois, houve silêncio. Esforcei os ouvidos para ouvir o que se passava e senti, mais do que ouvi, um objeto pesado a ser movido. Absorta na

concentração, assustei-me quando uma pancada forte ocorreu perto da minha cama. Foi feita pela maçaneta de uma gaveta num cómoda alta que estava do outro lado da sala. Era um móvel pesado — impossível para uma pessoa levantar — no entanto, aqui estava ao lado da minha cama, a uns bons três metros da posição original. O que era ainda mais extraordinário era isto: eu deixara um copo cheio de água equilibrado precariamente na borda da cómoda. O copo estava na mesma posição quando acendemos as luzes. Nem uma gota do líquido fora derramada. Corremos a cortina para inspecionar o Alec. Pobre homem! Estava ali sentado, atado como um peru. As crianças espirituais tinham posto todos os nós nas costas dele, onde ele não poderia alcançá-los. O Sonny e o Toi disseram depois que fizeram isso para mostrar «como ele deveria realmente ser amarrado». Levou 20 minutos para libertar o Alec.

O White Wing aconselhou agora que chegara o momento de cumprir a promessa de partilhar as vozes com os nossos outros participantes. Devíamos, disse, sentar-nos para estas aos domingos e marcar outro dia para cura. Assim, às quintas-feiras tínhamos o círculo de cura, e aos domingos o físico. Este arranjo era satisfatório. Tanto a cura como as vozes desenvolveram-se rapidamente. Testemunhámos algumas manifestações espirituais notáveis.

Apesar de lhe contarem as coisas maravilhosas que aconteciam através da sua mediunidade, o Alec permaneceu difícil. Não estava nada ansioso por continuar as sessões. Conversámos sobre isso e decidimos descontinuar as sessões físicas e concentrar-nos na cura dele. Isso era algo que ele realmente gostava de fazer.

A vida punha uma pressão no Alec nesta altura. Tinha grandes responsabilidades no trabalho, estando encarregue de um grande número de homens, e fazia um dia de 12 horas. O único tempo que tínhamos juntos era ao domingo. Grande parte disso era ocupada pelo círculo.

O White Wing, ciente dos sentimentos do Alec e ansioso por restaurar o interesse dele, pediu-me para colocar um bloco e um lápis perto da minha cama. Quando surgisse uma oportunidade, controlaria o Alec. Eu devia escrever o que ele dissesse e mostrar-lho. Algumas noites depois, houve três pancadas fortes na cabeceira da cama. Soube que era o White Wing. Ele bateu para dizer que a Connie, a irmã do Alec, queria falar. Imediatamente depois, veio pancadas de debaixo do colchão de molas.

A Connie disse por pancadas que não devíamos desistir do círculo. Tanto dependia de manter o Alec na sua mediunidade. Respondi que nada do que eu dissesse parecia fazer bem. Então, lembrei-me subitamente do bloco e do lápis numa cadeira ao pé da cama.

«Se ao menos pudesses escrever nesse bloco, Con», disse eu. «Tenho a certeza de que isso convenceria o Alec.» Ela disse que tentaria.

O Alec passou do sono para o estado de transe. Tinha um braço debaixo do meu corpo. Peguei na outra mão dele para me ligar a ele para poder.

Presentemente, o lápis foi pegado e bateu na cadeira. Depois, ouviu-se raspar no papel enquanto escrevia. Veio o som da folha a ser rasgada do bloco. Senti uma presença a flutuar, parecia, em direção à cama. Fiquei sem fôlego de excitação.

Neste ponto, o Alec acordou. Exclamei alegremente: «Alec! A Con esteve aqui!» Acendi a luz.

Para minha surpresa, o pedaço de papel estava deitado no peito do Alec. Agarrei-o e li: «Sê bom, Al… Con.» Fiquei extasiada, mas o meu prazer foi rapidamente abafado quando o Alec exigiu: «Como sei que não foste tu que escreveste?» Uma pancada forte veio do candeeiro de cabeceira. Disse: «É a tua irmã. Ela está aqui. Agora acreditas? Fala com ela. Pergunta tu mesmo.»

Apaguei rapidamente a luz, sabendo que seria mais fácil para a Connie bater no escuro. De facto, as pancadas foram mais altas. Vi o contorno ténue da figura da Connie de pé ao lado da cama.

«Olha», sussurrei. «Alec, ela está ali. Vês?»

Obviamente comovido pelo contacto renovado com a irmã «morta» e muito amada, o Alec fitou intensamente a forma ténue. Depois disse roucamente: «Se és tu, Con, toca-me.»

Seguiu-se outro silêncio intolerável enquanto eu esperava. Então, o Alec soltou um suspiro alegre: «É a Con! Ela tem as mãos na minha cabeça.» Poderia ter gritado de alívio. A minha gratidão à Connie não conhecia limites. Após essa experiência maravilhosa, que o convenceu de que a sua querida irmã estava viva e perto dele, o Alec ficou mais do que feliz por se sentar novamente. O trabalho continuou.

Num fim de semana, a Mary Hewitt, a minha amiga médium que fora viver para Londres, veio de visita com o marido. Ainda estava ansiosa por convencê-lo sobre o Espiritualismo e conseguiu persuadi-lo a assistir a um dos nossos círculos físicos.

O Alec chegou a casa, os participantes chegaram em breve, o último sendo o Alec Hewitt. Pendurou o casaco grande no cabide do hall e entrou na sala. Trancámos a porta e colocámos uma mesa contra ela para tranquilizar o Alec Hewitt de que ninguém poderia entrar. Mal a luz foi apagada, algo foi largado no colo do Sr. Hewitt. Enquanto a sessão decorria, ele recebeu um soco forte na cabeça com uma das luvas de boxe do Bradley. Mais cedo, a Mary brincara: «Espero que o meu marido leve um bom murro no nariz. É tão teimoso.»

Quando as luzes foram acesas, o Sr. Hewitt encontrou as chaves no colo. Ficou perplexo porque as deixara no bolso do casaco no hall. No entanto, ali estavam, transportadas através da porta trancada e barricada.

Capítulo Seis APARECE UMA FACE ESPIRITUAL

Na noite de Natal de 1939, a Phyllis e eu sugerimos ao Alec que tivéssemos um círculo, pensando que seria bom trocar saudações com os nossos muitos amigos do mundo espiritual. Para nossa surpresa, o Alec concordou prontamente. Geralmente, tinha de ser persuadido a dar círculos extra. Sendo um convertido relutante ao Espiritualismo, nunca estava muito entusiasmado por passar longos períodos em transe. Antes que mudasse de ideias, apressámo-nos a pendurar uma cortina num canto da sala para formar um gabinete. O Alec foi colocado dentro. A pedido dele, amarrámos-lhe as mãos e os pés.

Na pressa, não escurecemos completamente as janelas. Sendo uma noite de luar, os suaves raios filtravam-se para a sala. Conseguíamos ver muito melhor do que o habitual.

Mal o Alec entrou em transe, o Ewonga disse: «Vamos tentar uma experiência esta noite. Por favor, amarrem fio à volta de cada um dos nós na corda que prende o médium. Tornem-nos extra seguros. Pedimos-vos que façam isto para que o médium, quando acordar, não tenha dúvidas de que o que ocorreu foi obra de amigos espirituais e de mais ninguém. Será uma proeza que nenhum humano poderia realizar.» Depois, com uma nota

de diversão na voz, acrescentou: «Além disso, tenham o vosso casaco longo pronto, Louie-One. Por favor, segurem os nós.»

Perplexas, pusemo-nos ao trabalho na corda, fazendo um bom trabalho. Feito isso, a Phyllis e eu tomámos os nossos lugares e começámos a cantar cânticos de Natal. Após um momento, o Jolkim juntou-se com os seus belos tons profundos e musicais. As crianças espirituais presentes adicionaram as vozes em bela harmonia: depois, duas vozes cantaram juntas.

O luar tornou-se muito brilhante mais tarde. Pela luz dele, as trombetas eram claramente visíveis na totalidade, não apenas pelas áreas luminosas pintadas nas bordas. As cortinas que formavam o gabinete não chegavam completamente ao chão. Vi debaixo delas uma substância branca, semitransparente, a ondular pelo chão. O meu estômago contraiu-se de excitação ao perceber que uma materialização estava provavelmente a formar-se.

Passado um bocado, dois braços espirituais projetaram-se do gabinete, segurando um sapato em cada mão. Um sapato foi colocado no meu colo, o outro no da Phyllis. A seguir, o cinto e o pulôver do Alec foram colocados ao lado dos sapatos.

Um zumbido profundo veio do gabinete. O Adoula anunciou-se. Subitamente, ouvimos o Alec, que amarráramos com cordas, levantar-se da cadeira. As cortinas abriram-se e ele saiu do gabinete, saudado pelas nossas exclamações chocadas. Estava sem as calças. Saltei prontamente e protegi-o com o meu casaco de inverno, pois estava frio na sala agora que a lareira era apenas brasas. O Alec saiu do transe. Olhando para o seu estado de desnudamento — sem calças, cinto, sapatos ou jersey —, franziu a testa perplexo, exclamando: «O que se passa por aqui? O que aconteceu?»

Acendemos a luz e corremos as cortinas do gabinete. A Phyllis, o Alec e eu ficámos em silêncio chocado, incapazes de acreditar nos nossos olhos. Ali, sentado na cadeira como se o corpo do Alec ainda estivesse dentro delas, com as cordas ainda a prendê-las firmemente, estavam as calças dele.

«Impossível!», disse o Alec. Olhou para o torso inferior para confirmar que estava realmente sem calças. «É espantoso!», acrescentou. «Não consigo entender.»

Este exemplo de desmaterialização e subsequente rematerialização serviu para nos preparar para muitos acontecimentos extraordinários semelhantes que se seguiram mais tarde à medida que a mediunidade física do Alec se desenvolvia.

Como ano, 1940 foi um marco no caminho da mediunidade do Alec. Deu um grande salto em frente e nunca olhou para trás, indo de força em força.

O White Wing continuava a dizer que um dia «caminharia, falaria e misturar-se-ia» connosco. Até agora, nada resultara desta promessa. Fiquei surpreendida porque tudo o que ele profetizava sempre ocorrera. Assumi que teríamos de encontrar um médium de materialização e ter uma sessão para tornar isso possível.

Ouvi que a famosa médium física Helen Duncan visitava Barry, uma pequena cidade a apenas 19 quilómetros de Cardiff. Seria simples irmos lá. No nosso círculo, pus a questão aos outros participantes e perguntei se estariam de acordo. Antes que pudessem responder, o Rohan disse: «Não há necessidade de convidar esta senhora. Têm o poder no vosso próprio círculo. Mas devem sentar-se para materialização noutra noite além do vosso círculo habitual de domingo. Sejam pacientes!»

Ficámos deliciados com esta notícia, mas apresentou-se um problema. Como eu trabalhava no teatro todas as noites, o círculo de materialização teria de ser realizado muito tarde depois de eu chegar a casa. Tendo isso em mente, escolhemos participantes que moravam perto de nós e que estavam preparados para sacrificar o sono. Decidimos pela terça-feira. Expliquei que provavelmente seria um processo demorado. Levara dois anos a obter fenómenos de voz, apontei, e provavelmente levaria sete para isto. Mas eles não se deixaram dissuadir.

Na terça-feira seguinte, reunimo-nos às 23h. Éramos seis, todos um pouco duvidosos de que algo acontecesse. O círculo começou em escuridão total. Para nossa surpresa, uma bola luminosa começou a formar-se no centro da cortina do gabinete. Uma face podia ser vista dentro desta massa, não muito claramente, mas ainda uma face. Enquanto ponderávamos quem seria, a cabeça começou a virar-se. Um adereço de penas de um índio vermelho podia ser discernido. Soube então quem era. «White Wing!», gritei de alegria. Ao som da minha voz, a cabeça pareceu ganhar vida.

Lentamente, virou-se para mim. Os olhos deram um olhar longo e inquisitivo.

«White Wing, és tu, não é?», disse eu, bastante comovida. Lentamente, acenou com a cabeça, depois desvaneceu-se de vista. Fiquei sobrecarregada. Demasiado cheia para palavras, senti lágrimas a picar os olhos. Finalmente vira o meu amado White Wing.

Uma segunda bola de ectoplasma luminoso formou-se no topo das cortinas do gabinete, e outra face apareceu. Sabia pelos traços orientais que só podia ser o Chang. Depois, havia outra face aos meus pés. Desta vez, era o «Raf», um líder de esquadrilha «morto» que se ligara ao nosso círculo. O avião dele fora abatido sobre França. Vimos os olhos risonhos e os dentes brancos fortes.

«Raf!», exclamei. «Que bom ver-te!» Sorrindo, ele também se desvaneceu. Era tudo tão arrebatador. Fiquei nas nuvens durante dias.

Percebi que só nos restava continuar a desenvolver até termos formas completas. O White Wing disse-nos para colocar um pequeno globo vermelho na tomada, o que fizemos. A luz fraca permitia-nos ver mais claramente o que ocorria.

Era interessante observar a formação destes fenómenos espirituais maravilhosos. A princípio, só apareciam cabeças, mas reconhecíamos muitas faces facilmente. Depois, passado algum tempo, vieram formas completas. Que conquista foi essa. Ao produzi-la, as faces tornavam-se menos claras, como as de um filme fora de foco. As cortinas abriam-se — e formas espirituais completamente materializadas ficavam de pé à nossa frente.

Uma noite, só índios vermelhos apareceram. Muitos tipos diferentes vieram, mas cada um era bastante distinguível dos outros quanto a feições, alturas e características individuais. No entanto, com tudo isso, notei que as formas não falavam.

À medida que as semanas passavam, as figuras tornavam-se mais e mais fortes. Uma noite, uma rapariga bela saiu do gabinete, a figura claramente visível através das suas vestes de gaze de ectoplasma. Inclinou-se para nós e sussurrou: «Con.» Era uma palavra, mas ela falara! Mal podia acreditar, e

estava tão excitada que mal conseguia esperar para contar ao Alec o regresso da irmã.

Depois, muitos vieram que conseguiram dizer algumas palavras à medida que o poder se tornava mais forte. Na maioria, estes eram guias. Eles, parecia, eram melhores a lidar com este poder do que entes queridos, que muitas vezes sofriam de um excesso de emoção. Isso detravia da concentração deles. Era exhilarante encontrar os guias face a face e sentir o toque das mãos deles.

Chegou uma noite de prazer exquisito, a noite em que o Rohan, finalmente, escolheu mostrar-se a nós após anos de comunicar apenas através da sua bela voz. Saiu do gabinete completamente formado, drapejado num robe branco fluido de ectoplasma. O Rohan era de origem árabe. O traje e o adereço de cabeça estavam drapejados para assemelhar-se ao vestido nacional dele.

De altura média e esguio, o rosto magro exibia feições notavelmente refinadas. Uma barba preta curta e encaracolada cobria o queixo. Afinava para se encontrar com o cabelo de ambos os lados do rosto nas têmporas. O lábio superior do Rohan era coberto por um bigode preto, que, sendo curto, não ocultava de forma alguma os lábios.

Havia duas características que deixaram uma impressão indelével na minha mente e que, ao longo dos anos, foram sempre comentadas por participantes e investigadores psíquicos. Primeiro, havia os olhos dele. Eram do castanho mais escuro, quase preto. Desconcertantemente, fitavam os nossos como se olhassem profundamente para a alma, mas sempre com amor e compreensão gentil. Segundo, as mãos dele eram sempre notadas. Eram extraordinariamente belas, estreitas e delicadamente moldadas, com dedos longos, esguios e afilados. Descobri isso quando ele pegou nas minhas mãos nas dele como boas-vindas.

Estas duas características corporais eram totalmente diferentes das do médium. Os olhos do Alec eram azul profundo. As mãos eram largas e capazes, com dedos quadrados e espátula. Não havia absolutamente nenhuma semelhança física entre o meu marido e o Rohan.

O Rohan estava agora encarregue dos procedimentos do círculo. Como resultado, cunhámos um nome para ele, referindo-nos afetuosamente a este guia como «O Mestre de Cerimónias». Era uma pessoa adorável, sempre

tão calmo e gentil. Quando vinha, irradiava paz. Podia sentir-se o amor e a harmonia que trazia em todos os momentos.

Tendo obtido materialização, sabíamos que viera para ficar. Agora, comecei a entender sobre o «grande trabalho» que se dizia que tínhamos de realizar. Envisionei as enormes possibilidades que este tipo de mediunidade proporcionaria para ajudar os enlutados. Ver, para alguns, é acreditar. O que se manifestava agora do mundo espiritual seria muito mais convincente do que qualquer coisa que anteriormente tivéssemos podido oferecer aos perdidos e solitários.

Capítulo Sete GANDHI COMUNICA

Uma noite, durante o nosso círculo de voz de sexta-feira na igreja espiritualista local, senti a presença de um jovem soldado que tentava muito comunicar, mas sem sucesso. Senti a amarga desilusão dele com este falhanço.

Quando o círculo terminou, fui atraída para uma mulher que parecia muito tensa. Sentia que estava à beira de um colapso. Aproximei-me dela, perguntando se gostaria de assistir ao nosso círculo de domingo. Na noite, a mulher apresentou-se. Devido à óbvia necessidade dela, coloquei-a na primeira fila. Sentávamo-nos sempre em duas filas, perto do gabinete.

Pouco depois de começarmos, um rapaz jovem saiu do gabinete. Estendeu os braços para a mulher, dizendo: «Mãe, sou o Derry.» Ela deu um grito angustiado, saltou do lugar e foi ter com o rapaz. Ele pôs os braços à volta dela. A mãe desfez-se e chorou sem restrições nos braços do filho «morto».

Ele confortou gentilmente a mãe, dizendo que estava sempre com ela. Depois, mudou inesperadamente de assunto ao comentar: «Quero que tenhas a certeza de que sou realmente eu. Olha, ainda o tenho.» A forma sólida pegou na mão dela e colocou-a no peito. «Consegues sentir, mãe?», perguntou.

Mais tarde, soubemos que o rapaz tinha um esterno deformado que a família brincalhona chamava o seu «osso de galinha». Para dar à mãe prova positiva da identidade dele, materializou a deformidade para a convencer. Isso certamente fez. Não havia um olho seco entre nós ao testemunharmos esta reunião bela e tocante de uma mãe solitária e enlutada com o filho «morto».

Depois, contou-me que o rapaz se voluntariara para o serviço com os paraquedistas. Não durara muito, o avião dele fora abatido sobre África. Quando ouviu a notícia, o choque fora tão grande que a mãe não conseguia dormir nem comer. Não tinha desejo de continuar a viver. O médico dela estava muito preocupado, mas nada podia fazer para ajudar. Após o círculo, era uma mulher mudada, participando em todas as atividades da igreja.

Mais tarde, tivemos uma visita espiritual das mais invulgares. Durante um dos nossos círculos físicos, um homem alto e extremamente magro materializou-se. Saiu do gabinete, caminhou até ao fundo da sala onde havia uma cadeira extra e sentou-se nela. A figura falou-nos, rápida e urgentemente, numa língua de que não tínhamos conhecimento. Desejava ardentemente entender as palavras e frases que caíam dos lábios dele.

Inesperadamente, um jovem belga sentado numa cadeira perto da forma materializada disse subitamente que era linguista. A conversa fluiu livre e facilmente entre os vivos e os «mortos». Mudaram para várias línguas diferentes e ainda falavam um com o outro com facilidade. O Alec certamente não era linguista. O inglês era a única língua que sabia. Este regresso espiritual era um ponto muito evidencial a favor da autenticidade da mediunidade dele. Nenhum médium poderia safar-se de uma situação assim, a menos, claro, que fosse um linguista fluente.

Parecia, da conversa que ocorreu, que a materialização alta e magra era um judeu austríaco que fora professor de línguas numa universidade. Fora reunido pelos alemães, juntamente com outros da raça dele, e internado no temido campo de concentração de Belsen. Aqui, fora submetido à tortura mais horrenda. A última sessão diabólica de sadismo nazi fora muito além da resistência dele. Misericordiosamente, morreu enquanto sofria o suplício.

Deixar o corpo quebrado e emaciado e a mente atormentada fora, disse, um alívio esmagador. O professor confessou que ainda sofria ataques de tormento mental quando memórias das atrocidades horrendas cometidas em homens, mulheres e crianças indefesos inundavam a mente dele.

Após falar por algum tempo, o homem pareceu aliviado de alguma tensão. Levantou-se da cadeira, regressou calmamente ao gabinete e desapareceu de vista.

O Rohan emergiu e explicou que os guias tinham trazido propositadamente o professor numa tentativa de apagar o sofrimento que ainda perdurava na mente dele. Enviámo-lo no seu caminho com as nossas bênçãos e prometemos mantê-lo nos nossos pensamentos. Foi um episódio, senti, que proporcionaria prova irrefutável de que sobrevivemos à chamada morte.

No mesmo círculo, havia um participante de que não gostava muito. Como viera com um grupo, não questionei a presença dele. Sabia que o grupo se responsabilizava por todos os recém-chegados que introduziam. Como precaução, coloquei-o no fundo do círculo.

Um hindu materializou-se para este homem. Apontando para ele, disse: «Pertenco-te.» «Como podes pertencer-me?», perguntou este participante sarcasticamente, mas a forma não se perturbou.

«Liguei-me a ti quando vivias no meu país», veio a resposta calma. A figura falou então com ele em hindi. Isso pareceu fazer uma impressão profunda no participante bastante desagradável. Subitamente, ficou quieto e pensativo.

Depois, quando o círculo terminou e nos reunimos na sala de estar para chá, ele aproximou-se de mim e disse: «Sra. Harris, sou um agente da polícia. Sabemos das vossas atividades. Achei que viria ver do que se trata. Francamente, estou espantado com o que testemunhei. Primeiro, esse comunicador austríaco falou cinco línguas diferentes!»

«Contaste-as?», perguntei, surpreendida.

«Contei-as. Eram cinco. Depois, este tipo hindu a vir para mim… Quer dizer, ninguém sabe que passei muitos anos na Índia. Este sujeito falou o dialeto do lugar onde vivi. Fantástico! Completamente inacreditável! Simplesmente não consigo entender.» Abanou a cabeça, ainda perplexo.

«Fico contente por teres ficado impressionado», sorri. «Ou melhor, fico feliz por teres achado que era verdadeiro e não falso.»

«Falso», explodiu ele. «Como poderia ser? E todas aquelas formas espirituais reconhecidas por pessoas no círculo? Não, isto é a coisa genuína, sem dúvida.»

Fiquei aliviada por termos convencido a polícia. Isso era algo de grande. Sentia-me certa de que os nossos amados amigos espirituais sabiam das intenções do agente e arranjaram especialmente manifestações para o

iluminar e convencer. Se não tivesse sido assim, ele poderia, talvez, ter-se revelado difícil.

Noutra ocasião, um guia espiritual dançou e falou. Fê-lo para Graham Watkins, que simultaneamente foi introduzido no nosso círculo pela esposa Marjorie, uma pianista brilhante.

Devido aos compromissos profissionais dela, só podia juntar-se a nós em raras ocasiões. O Graham tornou-se um dos nossos participantes regulares e de confiança.

O guia dele era uma dançarina espanhola, Conchita. Afetuosamente, encurtámos para Chita. Era toda mulher. Não havia sinal da masculinidade do médium nela, como o Graham testemunhou depois de ela se sentar no joelho dele. Ele passou o braço à volta dela. As proporções da Conchita eram delicadas e extremamente femininas. Sempre se materializava usando vestes fluidas e etéreas. O guia carregava um véu fino de gaze feito de ectoplasma branco e fino. Parecia ter controlo perfeito do poder psíquico disponível. Não só mantinha a forma sólida por um tempo considerável, como simultaneamente dançava e falava estando a alguma distância do gabinete.

Enquanto a Chita dançava, movendo os membros com graça e perícia, as vestes ondulavam de forma tão bonita. Às vezes, atirava o véu à volta do pescoço do Graham e, rindo, puxava-o para o gabinete, falando com ele o tempo todo. Depois, plantando um beijo gentil na face dele antes de partir, a Chita dizia que estava sempre a cuidar dele.

Como confirmação, cito um artigo escrito pelo então editor de «Two Worlds», Ernest Thompson. Ele escreveu:

Na primeira sessão que tive com o Alec Harris, 15 espíritos materializaram-se nessa noite. Eram altos e baixos, gordos e magros, masculinos e femininos. Alguns eram visitantes de outras terras, um sendo um índio vermelho americano que media quase dois metros e dez. Como prova da genuinidade destas manifestações, o Rohan, o espírito encarregue dos procedimentos, materializou-se e, correndo as cortinas do gabinete para um lado, revelou o médium em transe sentado no canto numa cadeira, para que pudéssemos vê-los juntos. Em duas ocasiões adicionais, as formas materializadas eram visíveis simultaneamente com a do médium. Como

mais prova da genuinidade destas formas materializadas, o Rohan permitiu-nos testemunhar todo o processo de materialização.

Primeiro, apareceu o que parecia ser uma vara branca que se projetou pelo chão de debaixo das cortinas do gabinete. Movia-se como se estivesse viva e parou a cerca de um metro à frente das cortinas. A extremidade começou a enlarguecer-se numa bola até haver uma massa de ectoplasma em movimento e pulsação do tamanho de uma pedra grande. Tornou-se alongada verticalmente até ter a altura de um ser humano. Gradualmente, como se estivesse a ser esculpida, apareceu uma face e depois uma cabeça. Em breve, a forma era completamente humana, vestida com draperias de ectoplasma.

O espírito materializado começou a caminhar pela sala e conseguiu falar connosco. À medida que o poder diminuía, víamos o espírito dissolver-se e colapsar no espaço vazio! Então, ocorreu a manifestação mais maravilhosa e bela de toda a sessão. Uma encantadora rapariga espanhola deslizou graciosamente pelas cortinas e encantou-nos com uma exibição de dança.

Era fascinante observar os movimentos elegantes dela. Enquanto girava rapidamente nas pontas dos pés, a bainha do vestido branco ondulante roçou a minha face. Sentia-se suave e sensível como gaze.

Depois, veio ao propósito principal da visita, provar a sobrevivência humana demonstrando-nos que era de facto uma fêmea e não o médium (um macho) disfarçado.

Lentamente, separou as vestes, revelando, sem dúvida, uma figura feminina nua.

O fenómeno mais extraordinário que aconteceu ao Alec foi quando ele foi desmaterializado e rematerializado num lugar fora da sala de sessões. Era uma noite de sábado. Dávamos um círculo para a igreja. Sempre fazia questão de incluir entre os participantes um dos nossos regulares. O Graham Watkins assistiu nessa noite.

O Toi-Toi materializou-se. Um homem perguntou à criança espiritual: «Lembras-te da noite em que tiraste as calças ao Alec?»

«Chiu!», repreendi-o, mas antes que pudesse dizer outra palavra, as calças do Alec vieram a voar pelo ar. Amid o riso, encontrei-me a pensar: «Graças

a Deus, o círculo está quase a acabar.» Então, o Christopher, um amigo espiritual, pediu-nos a todos que saíssemos da sala muito calmamente.

Sabendo que o Alec não gostava de ser deixado sozinho para sair do transe, o Graham ofereceu-se para ficar com ele. Disse que faria o mesmo. Mas o Christopher foi enfático. Não, insistiu, todos tínhamos de sair imediatamente. «Deixem as calças do médium ao lado do gabinete», acrescentou. Enquanto os participantes saíam, o Graham viu a minha preocupação e sussurrou: «Não te preocupes. Sentar-me-ei mesmo fora da porta. Quando ouvir o menor movimento, entro e vejo do Alec.»

Um pouco aliviada, desci para fazer o chá. A campainha da porta da frente tocou. Corri para abrir. Ao fazê-lo, não consegui sufocar um pequeno grito ao ver o meu marido, agora fora do transe, de pé ali, com uma expressão perplexa no rosto e agora com as calças vestidas.

O Graham, que ouviu o meu grito, desceu a correr para investigar. O rosto dele registou choque ao ver o Alec na porta. A expressão de espanto do Graham era quase cómica enquanto gaguejava: «Mas… mas… ele nunca… quer dizer, eu nunca… mas como?»

Não ouvira nada de anormal da sala de sessões e estava mistificado quanto a como o Alec saíra. O Alec também não ajudou muito. A única explicação dele era que subitamente se encontrara no jardim da frente, com as calças vestidas. Não tinha recordação de lá chegar.

Não havia forma normal de o Alec ter saído da sala por sua conta. O Graham guardava a porta. A única janela estava permanentemente fechada, fixada por uma moldura de madeira, adaptada para blackout. De qualquer forma, deformara-se com o sol e era imóvel. Ao verificar, encontrou-se encravada. Não havia sinais de ter sido manipulada.

Fiquei grata por o meu marido estar bem. Obviamente, estivera em boas e competentes mãos. Tive de conceder que, para o mundo espiritual, nada é impossível!

Em agosto de 1946, Maurice Barbanell, o editor de «Psychic News», e a bem conhecida médium Helen Hughes visitaram Cardiff. Aproximaram-se de nós para realizar um círculo para eles. Assim aconteceu que dez anos após Helen ter profetizado esta mesma sessão — ela ocorreu. Aqui está o relatório do Sr. Barbanell:

Há no Sul de Gales um dos nossos médiuns de materialização mais notáveis. Nas sessões dele, as formas espirituais não só se mostram em boa luz vermelha, como mantêm conversas sustentadas — após terem caminhado cerca de três metros do gabinete!

Numa sessão a que assisti, vi 30 formas materializarem-se durante duas horas e meia. O Alec Harris não usa o dom profissionalmente, obtendo o rendimento do trabalho num departamento governamental. As sessões têm de ser realizadas bastante tarde à noite porque a esposa está envolvida numa orquestra num teatro local.

Não foi até quase às 22h30 que 27 de nós nos reunimos na sala de sessões. Como a maioria dos participantes viera de autocarro de vales a cerca de 40 quilómetros, poucos se deitaram antes das quatro da manhã.

A história por trás da sessão é fascinante. Há cerca de dez anos, a esposa do médium teve uma sessão privada com Helen Hughes. Foi-lhe dito então que, se ela e o marido se sentassem em casa para desenvolvimento, um dia obteriam materializações de forma completa.

Além disso, afirmou-se que a Helen testemunharia os fenómenos. Fê-lo nesta sessão a que assisti.

Fui convidado previamente a fazer uma exame minucioso da sala, do gabinete, que era meramente algumas cortinas num canto, e do médium, que usava apenas um par de calças finas de material preto e um colete preto.

O preto era deliberado, porque as formas aparecem sempre vestidas com ectoplasma branco deslumbrante, que notei, como de costume, não refletia a luz vermelha. Estava tão perto do gabinete que várias formas tiveram de passar por cima dos meus pés. Em várias ocasiões, manuseei as draperias de ectoplasma fluidas, que eram suaves e sedosas ao toque.

Apertei a mão a duas formas. As mãos eram firmes e normais.

A Helen Hughes recebeu duas provas notáveis. Uma foi a materialização de Douglas Hogg, um piloto da Batalha da Grã-Bretanha que provou a sobrevivência aos pais através da mediunidade dela. Mostrou as feições distintamente e pediu-lhe que se levantasse para poder falar cara a cara. Agarrou-a pelas mãos, agradeceu tudo o que fizera e beijou-a, quase com

reverência, na testa. Ela não teve dificuldade em identificá-lo; clarividentemente, vira-o em muitas ocasiões.

O Douglas Hogg deu também uma saudação a Charles Glover Botham, outro médium através do qual dera provas da sobrevivência aos pais.

A outra forma espiritual que se mostrou à Helen foi o guia índio vermelho dela, uma figura magnífica completa com adereço de cabeça, que deu o nome. O molde das feições era típico da raça.

Outro guia índio vermelho, completamente diferente na aparência, manifestou-se e falou ao filho de 13 anos do médium, que foi criado a considerar visitantes espirituais como parte normal da vida.

Do ponto de vista da prova, o ponto alto da sessão foi a materialização de um homem conhecido por várias pessoas presentes e particularmente por Tom e Mabel Hibbs, figuras líderes no Conselho Distrital do Sul de Gales da União Nacional de Espiritualistas.

Saiu mesmo do gabinete, caminhou cerca de três metros até ao canto da sala e mostrou-se à Sra. Hibbs. A princípio, não deu o nome, embora pedido, porque declarou que deveria ser facilmente identificado pelas feições e voz. Tinha razão!

A Sra. Hibbs reconheceu em breve este homem, que partira recentemente e que era um dos oficiais do conselho distrital.

Para apreciar a natureza notável da sessão, deve lembrar-se de que é muito raro obter materializações que se aventurem além do gabinete porque há uma linha de vida invisível que as liga ao médium.

No entanto, o oficial «morto», assim como vários outros, caminhou até ao canto da sala, sentou-se numa cadeira e manteve uma longa discussão. Algumas formas, após manterem estas conversas, ouviam-se dizer que tinham de regressar ao gabinete para «mais rações». Caminhavam de volta e, minutos depois, saíam, moviam-se para o canto da sala, sentavam-se e continuavam onde tinham parado.

Várias viraram-se e mostraram as costas, para provar que eram figuras sólidas. Uma vez, uma forma inclinou-se para endireitar um tapete que fora enrugado por outra pessoa.

Do ponto de vista espetacular, o incidente mais extraordinário foi a materialização de uma rapariga. Ela dissipou qualquer sugestão de que os resultados poderiam ser explicados por truques revelando parte da forma feminina! Depois, uma materialização separou as cortinas para podermos ver a figura e o médium ao mesmo tempo.

Frequentemente durante a sessão, ouvi alguns guias a conversar com o médium no gabinete. Aparentemente, há intervalos em que ele está quase consciente.

Foi uma demonstração impressionante de materialização no seu melhor. O médium e a esposa dedicam o tempo livre ao Espiritualismo e fazem especialidade de cura. Já têm vários sucessos notáveis no crédito. Mas nenhum cético poderia assistir a uma destas sessões de materialização e continuar cético.

Gostaria de contar sobre o ilusionista que assistiu a uma das nossas sessões, o Sr. A. G. Fletcher-Desborough, um ilusionista de palco profissional, teria sido capaz de julgar, se alguém pudesse, se as materializações que viu eram produzidas por «truques» de mágico. Pronunciou as formas espirituais autênticas, chamando-lhes «únicas».

Estava predisposto contra os fenómenos antes de vir ao círculo. Um cético auto-declarado, descrera de todas as histórias que ouvira. Mas, após testemunhar vários dos seus entes queridos materializarem-se, ficou convencido. O Fletcher-Desborough escreveu com convicção ao Liverpool Evening Express:

«Examinei o gabinete que o Alec Harris usou. Tendo estado no palco como ilusionista e mágico, sabia exatamente onde procurar coisas como painéis e saídas no chão, deslizes no teto e paredes. Fiquei satisfeito de que nada poderia fazer uma saída ou entrada de forma alguma. Não havia chance de engano.»

De um homem baixo e robusto que se materializou do gabinete e foi direito a ele, dando o nome «Bertie», disse: «Era o meu pai. Na maneira murmurante de falar, deu um nome carinhoso usado pelos meus pais. Ninguém além da família o sabia.»

Depois, veio um jovem que coxeava e caminhava com dificuldade. Agarrou a mão do participante e disse: «Bertie! Sou o teu irmão, Walter.»

A forma foi reconhecida imediatamente pelo ilusionista. Explicou que o irmão tivera o tornozelo esquerdo baleado na Guerra dos Boers.

«Ninguém ali sabia que eu tinha um irmão», disse. «Então, quem aprendeu o nome dele e que coxeava ao caminhar na vida? Certamente não poderia haver engano neste caso.»

Depois, do gabinete saiu um jovem rígido e direito. Como os outros, a figura foi na direção do ilusionista. Depois, desviou-se e, atirando os braços, «abraçou a minha esposa, dizendo numa voz muito patética: "Mãe, Mãe, sou o teu filho Ronnie".»

Aparentemente, este era o terceiro filho deles, nascido sob fogo durante a revolta do Sinn Fein em 1916. Fora capturado no porto de Singapura pelos japoneses e decapitado.

«Virou-se para mim após abraçar a mãe», disse o mágico, «e encostou a cabeça na minha. Reconheci a voz.»

O Fletcher-Desborough concluiu o artigo com a pergunta: «Por que todas estas manifestações em meu benefício? Porque eu era um descrente.»

Em 1952, o nosso círculo foi visitado por T. J. Haarhoff, professor de clássicos na Universidade de Witwatersrand, Joanesburgo, África do Sul. Teve prova notável quando uma materialização lhe falou em grego antigo, uma língua de que o Alec nada sabia.

O Professor Haarhoff contou aos leitores de «Psychic News»:

Os homens universitários são geralmente muito tímidos em reconhecer fenómenos psíquicos porque, na maioria dos casos, não podem produzir prova científica.

Não era exceção até ser privilegiado por partilhar um tipo de experiência que me permitiu correlacionar fiavelmente teoria com facto.

Recentemente, tive um novo tipo de experiência em que fatores subjetivos foram completamente eliminados.

Foi na casa do Sr. e Sra. Alec Harris. Quero dizer de imediato que nenhum elogio é demais para os altos motivos, a integridade e o serviço abnegado da Sra. Harris; e que os poderes de materialização do Sr. Harris são espantosos, únicos e inteiramente acima de suspeita.

Faço estas declarações após muitos anos de investigação e muitas desilusões e experiência de médiuns fraudulentos.

Há cerca de dez anos, em Joanesburgo, fui posto em contacto com um filósofo grego que me deu prova convincente da identidade e me confiou uma tarefa muito difícil. Não deseja que o nome seja mencionado nesta fase, mas deram-me descrições dele.

O círculo dos Harris nada sabia disto tudo. Mas na sessão há uma semana, este filósofo materializou-se. Saiu e pegou firmemente na minha mão.

Aproximou o rosto do meu. Vi que correspondia às descrições que me tinham sido dadas.

Ergueu o robe branco para eu sentir. A textura era de linho, mas não tão suave. Tinha uma qualidade fibrosa mas sedosa.

Falou-me em grego antigo, que é certamente desconhecido para o médium. Disse: «Autos Elelutha» (Eu vim em pessoa).

É alguém que muito raramente «vem» e que tinha a reputação de ser antissocial. Mas veio porque, desconhecido para mim, algo aconteceu de que só soube no dia seguinte. A Margaret Lloyd, através de quem eu tinha contacto com ele, partiu no Hospital de Joanesburgo.

Queria encorajar-me a continuar o trabalho e dizer que a ajuda seria dada de outras formas. Caso contrário, teria concluído que o trabalho chegara ao fim.

Um pequeno ponto para eruditos. Pronunciou «Autos» muito claramente, de modo que a primeira sílaba rimava com «cow». Aqueles que tentam dizer-nos que o grego antigo era pronunciado exatamente como o grego moderno devem notar que ele não disse Aftos.

Outros poderiam notar que não pronunciou a primeira sílaba como o som em «raw» e, assim, não justificou o professor de escola pública que, quando um rapaz pronunciou Graus, velha, como a palavra inglesa «grouse», disse: «Não faças troça da velha!» Claro, o nosso sotaque tradicional ao pronunciar palavras gregas está todo errado, como disse o Filósofo.

O Harris despe-se e não tem nada consigo. A cadeira dele e o canto onde se senta foram examinados por mim e encontrados absolutamente vazios.

O ectoplasma que sai em abundância do corpo dele e que as entidades etéricas usam para se tornarem visíveis flui como uma névoa e assume todo o tipo de formas, mas pode ser compactado em algo absolutamente sólido enquanto o poder dura — e que poder espantoso é!

Estas manifestações ocorrem de acordo com leis definitivas que ainda não foram adequadamente estudadas por homens de ciência.

O objetivo final é ensinar aos homens a realidade da lei moral e a cegueira daqueles que, na vida pública ou privada, não baseiam a ação nessa lei.

A enorme importância dos pensamentos que pensamos torna-se manifesta. A lei física anda de mãos dadas com a lei mental e espiritual.

Ao custo de muito sacrifício por parte do médium e da esposa, bem como daqueles que comunicam, a realidade do outro mundo é demonstrada objetivamente para que todos os participantes ouçam e vejam as mesmas coisas, a fim de que os homens sejam finalmente convencidos da existência daqueles que partiram e da importância de progredir moralmente mantendo contacto com as entidades superiores.

Se todos fizessem isso, poderíamos ter paz no nosso tempo.

Que melhor testemunho se poderia ter do que este? O meu marido e eu ficámos muito gratos ao Professor Haarhoff, que voluntariamente atestou a mediunidade do Alec. Em anos posteriores, muitas materializações falaram em línguas diferentes desconhecidas para o Alec, provando repetidamente que não só a mediunidade dele era genuína, como também de uma ordem muito elevada.

Outro participante eminente foi um médico, Sir Alexander Cannon. Fomos levados à mansão dele, onde se arranjou um círculo para algumas noites depois.

Provou ser uma sessão muito boa. O ponto alto da noite foi a materialização de Mahatma Gandhi, que veio especialmente para Sir Alexander. O pequeno homem santo indiano era exatamente como na Terra. Era dolorosamente magro, quase emaciado, devido a muitos jejuns longos. Gandhi usava o pano habitual e os óculos de aro de aço bem lembrados.

Conversou longamente com Sir Alexander em hindustani, uma língua familiar ao médico, mas certamente não ao Alec.

O nosso participante eminente ficou «muito impressionado» com a materialização, particularmente com a precisão dos detalhes da forma e o timbre da voz. Sir Alexander conhecia extremamente bem o homem santo. Gandhi a conversar na língua vernácula dele era prova ainda mais convincente, no que lhe dizia respeito.

Mas o médico teve mais provas indisputáveis. Dois monges tibetanos materializaram-se. Conversaram com ele numa língua pouco conhecida. Cannon afirmou ser um dos poucos brancos no mundo que entendia esta antiga língua tibetana.

Capítulo Oito A «EXPOSIÇÃO» DA IMPRENSA FALHA

Em março de 1957, veio uma grande mudança nas nossas vidas quando emigramos para nos juntarmos ao nosso filho casado e à nora, Doney, na África do Sul. O Alec deu vários círculos públicos. Realizaram-se privados para cobrir os custos de vida — e não mais. O resto era gratuito.

Quatro anos depois, tivemos o nosso primeiro aviso espiritual de que o Alec provavelmente correria perigo. Veio durante o penúltimo círculo antes da nossa partida para Durban. O Alec e eu íamos ter um par de meses de férias muito necessárias e bem merecidas com o nosso filho e a família.

Sendo uma terça-feira, reunimo-nos no santuário para a nossa sessão privada semanal. Ocorreu uma manifestação das mais invulgares, algo bastante alheio aos fenómenos normais que geralmente ocorriam. O Alec, em transe, saiu do gabinete e ficou de pé à nossa frente com ectoplasma a fluir copiosamente do plexo solar, boca e nariz. Literalmente, jorrava do corpo dele, formando uma grande poça. Após alguns minutos, começou a construir-se numa figura espiritual. O processo foi interrompido; os contornos da forma eram indistintos e sem forma, apenas meio construídos. Começou a mover-se, assemelhando-se a um pedaço de tecido animado. Sem aviso, ergueu-se rapidamente no ar e, com fios de ectoplasma a arrastar, flutuou de forma sinistra pela sala. A forma semi-construída estava ligada e manipulada por uma vara longa que saía da parte inferior do peito do Alec. Na extremidade, havia duas protuberâncias como dedos que agarravam e ativavam a estrutura ectoplásmica. Após algumas excursões pela sala, o aparecimento e o ectoplasma arrastado regressaram ao corpo do Alec para serem reabsorvidos. Houve consternação e muita discussão entre nós sobre isto.

O Alec virou-se para reentrar no gabinete. Ainda em transe, caminhou de forma lenta e atordoada. À medida que as cortinas se abriram e ele entrou, o velho cientista que nos visitava saiu simultaneamente sem um segundo de atraso para se materializar. Os dois passaram um pelo outro na entrada do gabinete. Era como se o guia estivesse de pé atrás das cortinas à espera da deixa para aparecer. Apressou-se na nossa direção, atarracado de constituição, com uma maneira autoritária e um tom de fala incisivo.

«Vejo que estão todos surpreendidos com a forma flutuante que acabam de testemunhar», disse o guia. «É isso que muitas pessoas acreditam que a materialização realmente é, e o que esperam ver nas vossas sessões. Porque viemos num corpo tão sólido como o deles, não acreditam na evidência dos olhos. Não podem. Aí reside o perigo. Venho avisar-vos que estão continuamente a pôr em risco a segurança do médium ao permitir tais pessoas nos vossos círculos. O descrente confirmado constitui sempre um perigo. Deve ter-se mais cuidado para os eliminar previamente. Este médium é valioso para nós nos nossos esforços para provar a sobrevivência. Há tão poucos no vosso mundo que podemos usar desta forma. Imploro-vos que selecionem os vossos participantes com o maior cuidado.»

Virou-se para mim e disse: «Antes de empreenderdes a tarefa da mediunidade física, sublinhámos que só poderíamos proteger o médium "três partes do caminho". A outra parte era da vossa responsabilidade. Vede que tomais medidas para garantir que ele esteja protegido em todas as sessões futuras.» Assegurei ao cientista que sempre o fazia. Ele acenou secamente com a cabeça e partiu. O aviso dele alarmou-me grandemente. Este guia aparecia raramente. Quando o fazia, era sempre para transmitir instruções importantes.

Havia apenas mais uma sessão planeada antes de partirmos de férias. Estava tão perturbada com o aviso espiritual que pedi a Vidie Carlton Jones para a cancelar.

O marido da Vidie era um magnata mineiro proeminente. Após se materializar num dos nossos círculos, ela tornou-se uma espiritualista confirmada e dedicada.

«Por favor, não desiludam estes participantes», implorou a Vidie. «Esperaram pacientemente durante tanto tempo por este círculo. De

qualquer forma, verifiquei-os todos com muito cuidado. Todos já se sentaram antes.»

Muito contra o meu melhor julgamento, concordei que o círculo ocorresse como planeado. «Afinal», pensei, «a Vidie tem razão. Todas as pessoas que vêm podem ser confiadas.»

Mas não contara com traição. Apesar das precauções rígidas da Vidie, um elemento maligno entrou na nossa equipa de participantes de confiança. Um Judas veio entre nós, um considerado acima de suspeita. Era o secretário da igreja espiritualista numa cidade próxima. Teria apostado a minha vida na integridade dele. Devido à posição de confiança, o ato dele era ainda mais desprezível.

No último minuto, o homem, que reservara dois lugares, aproximou-se da Vidie e perguntou se ele e o amigo poderiam transferir os lugares para dois conhecidos por quem podia responder. A ideia de conluio nunca entrou na cabeça da Vidie. Pensando que os participantes substituídos seriam da mesma igreja, concordou com a troca. Nunca, por um momento, a Vidie percebeu que planos terríveis estes quatro tinham para quebrar a maravilhosa mediunidade do Alec.

Os dois participantes substitutos revelaram-se mais tarde jornalistas de uma pequena revista. A intenção deles era expor o que acreditavam firmemente ser uma gigantesca farsa para enganar participantes crédulos. Ao fazê-lo, o par esperava, sem dúvida, vir com uma história excitante que agradaria ao editor. Apresentaram-se devidamente na noite marcada.

Os substitutos chegaram cerca de uma hora antes dos outros. O Alec deixou-os entrar. Pediram para inspecionar o santuário. Sendo um pedido razoável, o Alec concordou prontamente e levou-os à sala. Fizeram uma inspeção minuciosa e professaram satisfação. Os jornalistas — não sabíamos o verdadeiro papel deles — perguntaram se poderiam ficar sozinhos para meditar no santuário. Um pouco surpreendido com este pedido invulgar, o Alec concordou.

Sem saber desta intrusão no santuário, desci as escadas e fui cumprimentar os outros participantes quando encontrei os homens a sair da sala de sessões. A visão deles fez-me parar. Sobre as cabeças deles, vi uma nuvem escura.

Ao colocar os participantes imediatamente antes de a sessão começar, lembrei-me da nuvem maligna e achei prudente sentar o casal estranho de ambos os lados do marido da minha sobrinha. Isso era na segunda fila, onde sentia que não poderiam fazer mal. No entanto, havia uma abertura no centro da primeira fila que dava acesso ao gabinete caso participantes da fila de trás fossem chamados por amigos espirituais.

Disse uma oração especial por proteção ao abrir o círculo. Tendo em mente o aviso do velho cientista, sentia uma pesada responsabilidade pela segurança do Alec. Estava preocupada porque a troca dos dois participantes fora permitida. Terminada a oração, cantámos um hino, algumas canções alegres e esperámos. Quando nada aconteceu, cantámos novamente. Seguiu-se um período mais longo de espera. Ainda nada aconteceu. As entidades espirituais pareciam relutantes em materializar-se. Sentia que algo estava decididamente errado.

Finalmente, houve movimento da cortina do gabinete. A figura esguia e barbada do Rohan apareceu, de pé incerta na abertura antes do gabinete. Este guia calmo e forte abria sempre os nossos círculos com saudações, explicações e conselhos. Era hábito dele sair diretamente e falar com cada participante por sua vez, pegando nas mãos dele ou dela nas suas esguias. Com a voz profunda e suave, daria as boas-vindas calorosas a cada um. Mas esta noite, as coisas pareciam diferentes. O Rohan permaneceu por um longo tempo dentro da abertura das cortinas do gabinete, de pé muito quieto. Observou as duas filas semicirculares de participantes à frente dele, procurando os rostos intensamente. Sabia instintivamente que algo estava errado.

Após uma pausa, avançou hesitantemente e começou o gesto de boas-vindas, pegando nas mãos de cada participante na primeira fila. De alguma forma, o Rohan parecia cauteloso, não tão relaxado como o habitual. Quando segurou as minhas mãos, o Rohan olhou profundamente nos meus olhos. Vendo que eu estava perturbada, apertou gentilmente as minhas mãos em tranquilização. Sentia que todos os guias estavam presentes e ajudariam se houvesse problemas. Apesar disso, a minha ansiedade persistia.

O Rohan soltou as minhas mãos e regressou ao gabinete. Pegou nas cortinas pretas que pendiam para ocultar o Alec. Separou-as, depois segurou um lado alto acima da cabeça para revelar o Alec em transe.

Sentado na cadeira, era claramente visível para todos. O Rohan, ainda a segurar a cortina, recuou para ficar junto à janela a alguma distância do Alec. Era óbvio que havia duas entidades separadas à frente dos participantes.

«Conseguem ver o médium claramente?», perguntou o Rohan. «Aqui estou eu, de pé bastante à parte dele. Têm a certeza de que nos veem a ambos?»

Houve exclamações excitadas de «Sim» e «Maravilhoso!» dos participantes. O Rohan deixou a cortina cair de volta e avançou para pegar nas mãos daqueles sentados na fila de trás. Garantia sempre que todos fossem cumprimentados de forma semelhante, que o vissem e tocassem.

Eventualmente, chegou a vez de um dos participantes substitutos ser cumprimentado. Quando o Rohan estava prestes a pegar nas mãos dele em boas-vindas, o homem saltou para a frente e agarrou-o! Atirando os braços à volta da figura espiritual, segurou-o com força, gritando: «Tenho-te!» O participante estava obviamente convencido de que capturara o médium drapejado no ato de duplicidade, disfarçado de forma espiritual.

À medida que a figura do Rohan se desmaterializava rapidamente, houve um gemido alto do Alec no gabinete. Depois, veio um grito de dor à medida que o ectoplasma regressava rapidamente ao corpo dele com o impacto de uma marreta.

O participante traiçoeiro caiu atordoado no chão à medida que o corpo «sólido» que segurara tão apertado minutos antes desaparecia. Lancei-me sobre ele, batendo desesperadamente com as mãos, soluçando: «Oh, não! Vais matar o meu marido! Idiota, vais matá-lo!»

O homem olhou para mim, os olhos arregalados, aterrorizados. A realização surgiu-lhe de que não fora o médium que agarrara, mas o que pretendia ser, uma forma espiritual completamente materializada.

Entretanto, o segundo impostor, aproveitando a comoção que se seguiu, correu para a janela e puxou as cortinas fechadas, tendo-as previamente manipulado durante a sessão de «meditação» mais cedo. Isso revelou os confederados dele fora da janela. Tinham uma bateria de câmaras focadas na sala de sessões, particularmente no gabinete.

As objetivas clicaram furiosamente imediatamente à medida que flashes explodiam. Olhei freneticamente na direção do gabinete e percebi, com

profundo alívio, que os nossos guias faziam tudo ao seu alcance para proteger o médium. Tinham enrolado as cortinas à volta do Alec, envolvendo-o completamente para que ficasse imune aos flashes cegantes de luz dirigidos tão impiedosamente para ele. Estava completamente perplexa e doente de pavor pelo Alec, sabendo o que ele devia ter sofrido pelo impacto súbito do ectoplasma regressante. Tudo aconteceu tão rapidamente que todos ficaram atónitos.

Os dois jornalistas foram os primeiros a recuperar. Correram para a porta numa tentativa de escapar, mas a minha sobrinha Phyllis e o marido, Trevor, seguiram-nos de perto em perseguição acalorada. Um escolheu a saída da cozinha. O Trevor resgatou-o das garras do cão que acrescentou os seus serviços ao intercetar o homem em fuga. O outro correu desvairadamente pelo corredor e foi encurralado por uma Phyllis muito irritada e vários participantes masculinos na sala de estar. Isso, para seu desgosto, encontrou trancada com segurança. A fuga era impossível. Toda a arrogância abandonou-o. Encolheu-se apologeticamente.

«Tentaste matar o meu tio», enfureceu-se a Phyllis. «Porquê? Pensavas que ele era falso?» Quando o homem não respondeu, a Phyllis continuou zangada: «Agora sabes que não é.» Com nojo, disse-lhe para partir e levar o amigo consigo. Dois homens muito assustados, sóbrios pelo que viram, fugiram para a noite para se juntarem aos confederados num carro à espera a alguma distância na rua.

Quando o Alec saiu do transe, estava patentemente muito doente. Tinha uma dor severa que persistiu durante algumas semanas no plexo solar. Chamou-se um médico. Tratou o Alec semanalmente durante muitos meses. O Rohan também sofreu efeitos adversos e precisava, fomos informados pelo cientista, de um período de recuperação.

Houve uma sequela a este encontro infeliz. Pouco tempo após a «exposição», o Alec e eu estávamos sentados em conversa com um amigo médico quando o meu marido parou de falar a meio da frase e entrou em transe. Os olhos do Alec fecharam-se, o rosto relaxou. Uma voz suave de barítono anunciou: «Rohan.»

«Vim dizer-vos», disse, «que deve ter-se maior cuidado com o médium. Se houver uma repetição do acidente que ocorreu há algumas semanas, não poderemos proteger o médium como fizemos então. Foi afortunado que

fosse eu quem estava materializado na altura. Sabia o que fazer e consegui absorver o choque total do encontro. Quando chegou ao médium, era menos severo. Mas duvido que consiga fazer isto novamente. Tenham cuidado!» Agradeci ao Rohan e prometi que nunca mais ocorreria se fosse humanamente possível evitar tal catástrofe. Depois, levantei um ponto que me preocupava.

«Rohan, e todas aquelas fotografias que tiraram e vão publicar?», perguntei.

«Não te preocupes com isso», disse. «Certificámo-nos de que todos os filmes ficarão em branco.»

E assim foi. A revista prometera aos leitores numa edição anterior que daria cobertura fotográfica completa à «exposição» da mediunidade do Alec. Estas fotografias nunca apareceram. Obviamente, não havia fotografias para imprimir.

Quando a Vidie soube como a troca de lugares fora orquestrada, ficou muito perturbada e reagiu da sua maneira típica e franca. Escreveu uma carta ao homem que originalmente reservara os dois lugares. «Aqui tens as tuas 30 moedas de prata!» estavam entre as palavras dela. A inferência bíblica era apropriada e, esperava, humilhante para o perpetrador de tal traição vergonhosa.

Notei uma grande mudança no Alec após a tentativa de exposição. A saúde dele não era tão robusta como antes. Algo parecia ter saído dele. Desacelerou consideravelmente. O Alec sempre fora uma pessoa tão enérgica, constantemente à procura de coisas para fazer em casa. Agora, tudo parecia um esforço.

A Vidie pensou que uma viagem à Grã-Bretanha poderia ajudar o Alec e restaurar o entusiasmo pela vida. Em maio de 1962, acompanhámo-la ao Reino Unido. O Alec não parecia nada bem. Decidi que, assim que chegássemos a Cardiff, ele devia ver o nosso médico e fazer um check-up.

Visitámos a Peggy, a nossa querida amiga pianista de outrora, e passámos horas felizes a conversar sobre os velhos tempos.

Após sairmos dela e a caminho de visitar o irmão do Alec, notei que a condução dele era muito errática. Parecia ter dificuldade em manter o carro numa trajetória reta. O Alec conseguiu manobrar o veículo pelas ruas

movimentadas de Cardiff sem acidente. Íamos a conduzir lentamente por uma estrada tranquila onde o irmão dele morava quando o carro guinou violentamente e subiu para o passeio, onde parou. O Alec estava descaído no lugar, com um ar muito estranho.

«Não sinto nada do lado direito», ofegou. «A perna e o braço direitos estão dormentes.» A fala estava ligeiramente arrastada.

Felizmente, o meu cunhado, antecipando a nossa chegada, esperava junto ao portão. Viu o acidente acontecer e correu rapidamente para ajudar. Movendo o Alec para o lugar do passageiro, sentou-se ao volante e levou-nos para casa dele. Depois, conduziu-nos de volta à casa de uma tia. O Alec recusou-se a permitir que chamassem um médico. Não queria perturbar a casa. Nessa altura, era meia-noite.

O médico veio cedo na manhã seguinte e disse-me que levaria o meu marido imediatamente para o hospital. Como estávamos em Cardiff, onde viviam todos os nossos antigos membros do círculo de cura, sentia que o Alec estaria melhor em casa a receber tratamento deles. O médico concordou a contragosto, desde que o Alec fosse vigiado com muito cuidado.

O Alec foi sedado durante cinco dias. Quando o médico fez outro exame, ficou muito surpreendido com a melhoria na condição do meu marido. Mas o Alec continuou a progredir bem. Permanecemos em Cardiff por mais quatro semanas. A Vidie desceu para nos conduzir de volta a Londres.

O ar do mar e muito descanso na viagem de regresso fizeram muito bem ao Alec. Parecia muito melhor. Quando chegámos a Durban para ficar com os nossos filhos, eles ficaram consternados com a mudança no pai. Levou dois anos até ele ser algo como o seu antigo eu novamente.

Uma vez em casa, dávamos círculos ocasionais, mas apenas para amigos imediatos, não para o público. A confiança do Alec nos participantes fora tristemente abalada. Nunca mais poderia estar completamente relaxado e à vontade como nos dias antes da traição na sala de sessões. A saúde dele não era tão boa como anteriormente. Os amigos espirituais tinham dificuldade em materializar-se. Quando nos sentámos pela primeira vez, nada aconteceu, mas pediram-nos paciência, pois haveria um período de re-desenvolvimento. Não parecia haver poder suficiente para as materializações se formarem completamente ou tão fortemente como antes.

Às vezes, não conseguiam construir até à altura adequada. Noutras ocasiões, apenas porções das figuras tomavam forma, talvez um braço, perna ou rosto, irreconhecíveis na incompletude. Quando uma forma se construía completamente, haveria uma longa espera até à próxima materialização. Antes do incidente, quando uma forma espiritual regressava ao gabinete, outra saía quase imediatamente. Haveria o mínimo de atraso.

Decidiu-se que o Alec devia abandonar a materialização e concentrar-se apenas em fenómenos de voz. No círculo seguinte, sentámo-nos à volta da sala, em vez de em duas filas semicirculares, e apagámos as luzes.

Quando este círculo de voz abriu, quem saiu do gabinete senão o cientista completamente materializado. Ergueu o braço e puxou o cordão ligado às luzes; a sala foi banhada num brilho vermelho fraco.

«Senhor», expliquei, «pretendemos ter um círculo de voz esta noite.»

«Oh», disse ele bruscamente, «se é isso que querem…» O cientista puxou o cordão, apagou as luzes e regressou ao gabinete.

Foi um círculo divertido, uma batalha constante de vontades entre as pessoas espirituais que estavam determinadas a materializar-se e eu, igualmente determinada a que fosse uma sessão de voz. Comprometeram-se materializando-se num lugar, mas falando de modo que as vozes viessem através da trombeta noutro. Determinei que, no círculo seguinte, obstruiria os esforços deles removendo os globos das tomadas e deixando-os fora da sala. Este plano foi posto em operação, mas os comunicadores derrotaram-me trazendo as suas próprias luzes psíquicas azul-brancas. Estas mostravam as materializações com ainda melhor vantagem. Todos os detalhes dos rostos eram absolutamente claros.

O White Wing explicou que os cientistas espirituais tinham trabalhado arduamente para aperfeiçoar as manifestações físicas e queriam continuar o bom trabalho. Disse que, embora a saúde do Alec tivesse deteriorado e as materializações não fossem tão fortes como anteriormente, ainda trariam conforto e iluminação a muitos. O guia acrescentou que protegeriam o Alec, mas insistiu que apenas pessoas completamente fiáveis deveriam ser incluídas entre os participantes.

Quando contei ao Alec o que o White Wing dissera, ele concordou, a contragosto, em continuar a dedicar a vida a este serviço.

No entanto, em 1974, quando o Ano Novo amanheceu, o Alec parecia apático e muito cansado. Estes sintomas persistiram durante as cinco ou seis semanas seguintes.

Uma noite, enquanto estava sentado na nossa sala de estar acolhedora a fumar calmamente, mergulhado em pensamentos, disse: «Sabes, Lou, não vou estar contigo por muito tempo.»

«Lembra-te, querido», respondi, «em breve vamos ter as nossas bodas de ouro. Vamos celebrar esse marco especial juntos.»

O Alec olhou-me pensativamente por um momento, depois sorriu, dizendo: «Um de nós tem de ir primeiro. Melhor eu do que tu. Quando eu partir, poderás continuar com certeza.»

Duas semanas depois, a 12 de fevereiro, acordei subitamente nas primeiras horas com a sensação de que algo estava errado. Estendi a mão, acendi a luz e olhei para a cama do Alec. Ele não estava nela, mas sentado descaído na borda, a respirar pesadamente.

«Tenho uma sensação estranha e apertada», explicou.

«Vou chamar o médico», disse eu, pegando no telefone e marcando rapidamente. «Não», disse o Alec. «Ele não chegará a tempo.»

Sentei-me ao lado dele. O Alec ergueu a cabeça e olhou-me por um longo momento. Depois, pôs os braços à minha volta, segurando-me num abraço apertado. Com uma súbita que me surpreendeu, o Alec pressionou os lábios nos meus e beijou-me com urgência desesperada. Depois, o corpo dele amoleceu. Percebi que partira.

Sentei-me e segurei-o contra o meuanho, atordoada e sem compreender. Não conseguia acreditar que aquele último beijo carinhoso que o Alec me dera fosse a despedida.

Mesmo com o meu conhecimento do mundo espiritual e dos seus habitantes, o choque da partida súbita do Alec era quase insuportável. Sentia a falta dele, tanto quanto todas as almas enlutadas que tinham assistido aos nossos círculos notáveis ao longo dos anos devem ter sentido a falta dos entes queridos. Momentaneamente, na minha dor, esqueci que o Alec nunca me deixaria.

Vinte e quatro horas depois, à mesma hora em que partira na noite anterior, o Alec regressou. Enquanto jazia na cama, senti a mão de um homem, forte, quente e bem materializada, pegar no meu braço e apertá-lo gentilmente da maneira antiga, familiar e amorosa.

Algumas semanas depois, tive uma experiência notável. De novo, estava deitada na cama. Estava prestes a entrar no estado de sono quando senti o peso de um corpo enquanto alguém se deitava ao meu lado. Não senti medo, apenas uma sensação de expectativa aguda. Um braço estendeu-se sobre a minha cintura enquanto uma mão pegava na minha, como tantas vezes fizera no passado. Sabia sem dúvida que o meu Alec regressara.

Experimentei uma sensação estranha e, num flash, encontrei-me fora do meu corpo físico. Vi o Alec de pé na sala. Todo o ser dele parecia banhado numa luz azul mística. Parecia muito mais jovem do que quando o vira pela última vez, não parecendo mais de 30 anos. Fui ter com o Alec. Ele pôs os braços à minha volta, murmurando ternamente: «Tive de vir, Lou, tive de vir.»

Lembro-me de pôr os braços à volta do pescoço dele, olhando para o cabelo dourado espesso. «Oh, Alec», disse eu, «não é maravilhoso estarmos juntos novamente?» Subitamente, senti uma sensação estranha de tremor. Com um solavanco que me deixou sem fôlego, estava de volta no meu corpo físico.

Lembrar-me-ei sempre da doçura desse encontro fora do corpo com o meu marido. Certamente não foi um sonho.

Da experiência pessoal, posso agora apreciar exatamente o que significa ter comunicações de um ente querido «morto». Quanto mais gratificante é a visão de um rosto, o toque de uma mão e o som de uma voz familiar.

O Alec considerava sagrado o dom da mediunidade. Nunca o abusou em 40 anos. Percebo agora quão abençoada fui por ter tido o privilégio de ser escolhida para o ajudar no seu grande trabalho.

O Alec era um homem altruísta. Devido ao grande amor pela humanidade, dedicou a vida ao serviço dos semelhantes, realizando o trabalho exigente e muitas vezes difícil com humildade, procurando apenas ser útil aos outros.

O nosso foi um casamento feliz; o nosso trabalho aproximou-nos muito. Olho para trás sobre quase meio século de trabalho com os nossos amados

amigos espirituais com um profundo sentido de gratidão por termos sido escolhidos para ser assim usados. Oro sinceramente que as nossas experiências psíquicas, partilhadas com incontáveis outros ao longo do caminho, convençam muitos de que verdadeiramente não há morte.

Fim